

# Jesuítas e Ilustração

Rupturas e continuidades

Organizadores

José Eduardo Franco / Karl Heinz Arenz / Luiz  
Eduardo Oliveira / Maria Regina Barcelos Bettiol

Prefácio

Pierre Antoine Fabre



EDITORA UNISINOS

# Jesuítas e Ilustração

# UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

## **Reitor**

Pe. Marcelo Fernandes de Aquino, S. J.

## **Vice-reitor**

Pe. Pedro Gilberto Gomes, S. J.

EDITORA UNISINOS

**25**  
anos

## **Diretor**

Pe. Pedro Gilberto Gomes, S. J.

## **Conselho Editorial**

André Luiz Olivier da Silva

Ernesto Luiz Correa Lavina

Marco Aurélio Gonzalez

Pe. Pedro Gilberto Gomes, S. J.

Tonantzin Ribeiro Gonçalves

Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos

EDITORA UNISINOS

Av. Unisinos, 950

93022-750 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.3590 8239 | 51.3590 8238

[editora@unisinos.br](mailto:editora@unisinos.br)

[www.edunisinos.com.br](http://www.edunisinos.com.br)

membro da



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

# Jesuítas e Ilustração

## Rupturas e continuidades

Organizadores

José Eduardo Franco / Karl Heinz Arenz / Luiz Eduardo  
Oliveira / Maria Regina Barcelos Bettiol

Prefácio

Pierre Antoine Fabre

EDITORA UNISINOS

2019

© dos autores, 2018

---

2018 Direitos de publicação em língua portuguesa no Brasil cedidos à  
Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

EDITORA UNISINOS

---

Jesuítas e Ilustração : Raturas e continuidades / coordenadores:  
José Eduardo Franco ... [et al.] ; prefácio de Pierre Antoine  
Fabre. – São Leopoldo, RS : Ed. UNISINOS, 2019.  
454 p.

ISBN 978-85-7431-819-6

1. Jesuítas – História – Séc. XVIII. I. Franco, José Eduardo,  
1969-

CDD 271.53

CDU 271.5

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Bibliotecário Flávio Nunes, CRB 10/1298)

*Editor*

Carlos Alberto Gianotti

*Revisão*

Renato Deitos

*Editores*

José Luiz Dias

*Capa*

Isabel Carballo

Impressão, verão de 2019.

---

A reprodução, ainda que parcial, por qualquer meio, das páginas que compõem  
este livro, para uso não individual, mesmo para fins didáticos, sem autorização  
escrita do editor, é ilícita e constitui uma contrafação danosa à cultura.

Foi feito o depósito legal.

# Sumário

Prefácio . . . . .	9
O grande paradoxo da Companhia de Jesus no “Século das Luzes” <i>Pierre Antoine Fabre</i>	
Apresentação . . . . .	15
<i>Karl Arenz</i>	
Introdução . . . . .	19
<i>José Eduardo Franco, Karl Arenz, Luiz Eduardo Oliveira e Maria Regina Bettiol</i>	
<b>I REFORMAS E METAMORFOSES . . . . .</b>	<b>27</b>
Os jesuítas e as reformas pombalinas: rupturas e continuidades . . . . .	28
<i>Luiz Eduardo Oliveira</i>	
A herança jesuíta ressignificada no grande projeto da Ilustração . . . . .	47
<i>Maria Regina Barcelos Bettiol</i>	
Unidos num só corpo: jesuítas, continuidades e rupturas . . . . .	64
<i>Ligia Bahia Mendonça</i>	
Trabalho e salvação, trabalho e liberdade: a Companhia de Jesus e as Luzes diante da escravidão . . . . .	90
<i>Laurent de Saes</i>	
<b>II CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E ARTES . . . . .</b>	<b>111</b>
Os jesuítas em Portugal e a ciência: continuidades e rupturas (séculos XVI-XVIII) . . . . .	112
<i>Carlos Fiolhais e José Eduardo Franco</i>	

A Companhia de Jesus e as <i>artes de curar</i> na América platina setecentista: uma análise de manuscritos jesuíticos inéditos . . . . .	130
<i>Eliane Cristina Deckmann Fleck</i>	
O padre Inácio Monteiro, entre a ruptura e a continuidade . . . . .	157
<i>Carlos Maduro</i>	
O Colégio Jesuítico da Bahia: entre a sua fundação e a invasão holandesa . . . . .	178
<i>Paulo Assunção</i>	
<b>III TERRITÓRIO, FRONTEIRAS E RECONFIGURAÇÕES . . . . .</b>	<b>201</b>
Fundamentos ilustrados do governo pombalino para a Amazónia colonial. . . . .	202
<i>Luiz Fernando Medeiros Rodrigues</i>	
<i>Unus non sufficit orbis</i> : os jesuítas, o mapeamento do mundo e as cartografias periféricas . . . . .	224
<i>Artur H. Franco Barcelos</i>	
História da Educação: fronteira, território e jesuítas . . . . .	247
<i>Fábio Falcão Oliveira</i>	
<b>IV POLÉMICAS, EXPULSÕES E RAZÕES . . . . .</b>	<b>271</b>
A “expulsão dos jesuítas” como lugar-comum. . . . .	272
<i>Jean Pierre Chauvin</i>	
Jesuítas e colonos na Amazónia portuguesa: contendias e compromissos (séculos XVII e XVIII). . . . .	299
<i>Roberta Lobão Carvalho &amp; Karl Heinz Arenz</i>	
A “Petição” de Balthasar Pucheta . . . . .	323
<i>Selson Garutti</i>	
“Ni V. E ignora que no he tenido ociosa la pluma”: a polémica produção escrita de um jesuíta durante o Tratado de Limites . . . . .	334
<i>Eduardo Neumann</i>	
O martírio dos jesuítas: Malagrida e a “idade de razão” . . . . .	355
<i>Célia Cristina da Silva Tavares</i>	

<b>V</b>	<b>ESCRITAS DO OUTRO MUNDO</b> .....	<b>375</b>
	A inserção dos jesuítas João Daniel e David Fáy no clima de opinião da Ilustração ibérica e europeia.....	376
	<i>Beatriz Helena Domingues &amp; Breno Machado dos Santos</i>	
	A literatura dos jesuítas expulsos da província do Paraguai: memórias de um labor intenso .....	399
	<i>Carlos A. Page</i>	
	Platão e os guaranis: utopias transatlânticas na obra <i>De Administratione Guaranica Comparata ad Rempublicam</i> <i>Platonis Commentarius</i> de José Manuel Peramás .....	441
	<i>Gabriele Cornelli</i>	

# A literatura dos jesuítas expulsos da província do Paraguai: memórias de um labor intenso

*Carlos A. Page<sup>1</sup>*

## OS LONGOS ANOS NO DESTERRO

A vida no exílio não foi nada fácil para essa grande massa de “gente ociosa”, como depreciativamente qualificou os expulsos o secretário de Estado de Clemente XIII, o cardeal Luís Torrigiani. Os mais de 5.000 indivíduos das 11 províncias espanholas deviam residir nos três Estados Pontifícios setentrionais: Bolonha, Ferrara e Ravena, ou seja, na região de Emília-Romanha. Mas não incorporaram os colégios jesuítas, pois o geral Lorenzo Ricci temia o colapso da estrutura económica da Assistência da Itália que num momento teve de suportar a subsistência dos expulsos de Portugal e, depois, da França, e, nessa altura, a chegada iminente dos jesuítas napolitanos, sicilianos e parmesãos<sup>2</sup>. Ainda que, diferentemente daqueles, Carlos III ordenou uma pensão/subsídio vitalícia(o) proveniente da administração das Temporalidades, que ficaria sem efeito caso abandonassem as cidades atribuídas. Mísera manutenção fixa que foi perdendo valor à medida que a inflação gerada naqueles tempos agravava o poder aquisitivo. Mas os familiares, e sobretudo os amigos americanos, não deixaram de ajudar os jesuítas enviando-lhes dinheiro, como fizeram os irmãos Funes, desde Córdoba, ou o doutor Félix Zuloaga, desde Buenos Aires, ou o doutor Maciel, desde Santa Fé. Inclusivamente, uns poucos jesuítas do Paraguai, por reconhecimento pelos seus escritos, foram beneficiados pela Corona com uma dupla bolsa/subsídio, como foi o caso dos padres Gaspar Juárez, Joa-

---

1 Carlos A. Page é investigador do CONICET com sede no CIECS-UNC (Centro de investigaciones y Estudios sobre Cultura y Sociedad de la Universidad Nacional de Córdoba).

2 Niccoló Guasti, “Rasgos del exilio italiano de los jesuitas españoles”, *Hispania Sacra*, vol. 61, n. 123, Madrid, jan.-jun. 2009, p. 259.

quín Millás, Juan Francisco Aznar e Francisco Javier Iturri. Outros, pelo contrário, sofreram arbitrariedades que chegaram mesmo à confiscação dos seus textos, como o então polémico padre Pedro Campos<sup>3</sup>.

Os jesuítas do Paraguai, após uma longa e cansativa viagem de 14 meses, na qual morreram vários idosos, aportaram no seu destino na cidade de Faença, exceto os estrangeiros que regressaram aos seus países. Alguns foram distribuídos por Ravena, Brisighella e igualmente em Ímola. Em Faença, dividiram-se entre o seminário, cujos alunos estavam de férias, e o mosteiro dos Servos de Maria ou servitas. Obtiveram ajuda dos jesuítas de Faença, dos padres Pedro Pablo Canestri, Luis Correa e do próprio reitor do colégio, que lhes permitiu tomar da biblioteca todos os livros que quisessem<sup>4</sup>. Também receberam atenções do Conde Francisco Cantoni, irmão do bispo António, falecido no ano anterior, que ao ver os expulsos deambulando de casa em casa, levou para a sua residência aos que tinham ficado no seminário<sup>5</sup>. O palácio que acolheu à volta de 80 jesuítas era chamado *L' Isola*, porque se encontrava numa ilha, circundada pelo rio Lamone, bombardeado e destruído durante a Segunda Guerra Mundial.

Apesar de todas as dificuldades que surgiram, os jesuítas puderam reconstruir a sua estrutura funcional e hierárquica. Em 17 de outubro de 1768, foi designado provincial no exílio o padre José de Robles<sup>6</sup>, e reitor do Colégio Máximo, o padre Domingo Muriel. Ambos tinham sido os últimos procuradores da Província na Europa e tinham chegado a Faença naquela data. O padre Ro-

3 Antonio Astorgano Abajo (dir.), *Biblioteca Jesuítico-Española (1759-1799)*, de Lorenzo Hervás y Panduro, nota introdutória, Madrid, Libris, 2007, p. 80.

4 Pablo Hernández SJ, *Colección de libros y documentos referentes a la historia de América. Tomo VII. El extrañamiento de los jesuitas del Río de la Plata y de las misiones del Paraguay*, Madrid, Librería General de Victoriano Suárez, 1908, 245.

5 O padre Miranda, ao escrever a biografia do padre Muriel, recorda com sobeja gratidão a figura de Cantoni, que os ajudou em tudo quanto podia. Inclusivamente, este também ofereceu aos jesuítas de Quito um palácio chamado San Nebullon que tinha sido o hospital da cidade. O padre Ricci perante tanta generosidade enviou-lhe a carta da irmandade através da qual lhe concedia todos os bens espirituais da religião (Francisco Javier Miranda SJ, *Vida del Venerable sacerdote Don Domingo Muriel, religioso un tiempo de la abolida Compañía de Jesús y último provincial de su Provincia del Paraguay, escrita por un discípulo suyo sacerdote de la misma Compañía*, Córdoba, Universidad Nacional de Córdoba, 1916, p. 318.

6 Sucedeu ao padre Manuel Vergara (1711-1770) que tinha sido designado provincial em setembro de 1766 e se encontrava na redução de Yapeyú quando chegaram as tropas e o prenderam e logo enviaram para Espanha. Mas o sacerdote encontrava-se gravemente doente e permaneceu em Puerto de Santa María, onde faleceu a 15 de maio de 1770 (Hugo Storni SJ, *Catálogo de los jesuitas de la Provincia del Paraguay (Cuenca del Plata) 1585-1768*, Roma, Institutum Historicum S.I., 1980, p. 302). Existe uma biografia sua em Peramás SJ, *Vida y obra de seis humanistas*, Buenos Aires, Ed. Huarpes, 1946 [1791], p. 37-91. Segundo o padre Furlong, para a sua expulsão inventaram-se dez manuscritos da sua autoria (Guillermo Furlong SJ, *Nacimiento y desarrollo de la filosofía en el Río de la Plata. 1536-1810*, Buenos Aires, Ed. Guillermo Kraft Limitada, 1952, p. 156).

bles transferiu alguns jesuítas para Ferrara e Ímola, ficando em Faença, onde, além de conseguir sede, determinou criar um fundo comum com as pensões, mas sobretudo fortalecer os laços de lealdade e obediência. Por seu turno, o padre Muriel organizou o Colégio Máximo com sete professores<sup>7</sup>, mas, quando Carlos III se deu conta de que o geral tinha designado novos provinciais, tomou a ocorrência como uma ofensa e obrigou-o, em meados de 1769, a revocar a ordem de fazer nomeações para províncias com designações espanholas. De tal forma e para sortear este mandato, o padre Lorenzo Ricci decidiu mudar esses nomes pelos de santos protetores. Foi nesse momento que a Província do Paraguai começou a chamar-se Província de São José no exílio.

O padre Robles decidiu trasladar o Colégio para outra residência, propriedade do cônego penitenciário *Don Domingo María Fanelli*. Os motivos foram diversos, em primeiro lugar, a estreiteza da casa, mas é preciso assinalar o tremor de terra do primeiro dia do ano de 1769, que, por uma questão supersticiosa, uma parte da população atribuiu à presença dos jesuítas a culpa do sinistro, e umas mulheres tentaram até incendiar a casa do conde. Para essa mudança, tiveram de convencer o proprietário, o bispo e o próprio Cantoni, para que lhes alugasse a residência onde ele próprio habitava numa pequena parte. “Anjos, em vez de homens, tenho em casa”, comentava ele ao padre Ricci. Daí que, durante muitos anos, a rua que passava por aquela residência era chamada a “rua dos anjos”<sup>8</sup>.

Em 1771, o geral Ricci nomeou provincial o padre Muriel, cargo que manteve até à extinção. O padre Robles, igualmente, passou a ser o reitor do Colégio. O novo e carismático provincial recorreu as casas de Faença, Ravena e Brisighella, bem consciente de que a supressão estava iminente. Foi por essa ocasião que traduziu os *Exercícios* de Diertins, com a finalidade de levantar a abatida moral do dramático exílio, e redigiu a sua carta sobre o modo de conservar o espírito inaciano.

Com o Breve *Dominus ac Redemptor*, de 21 de junho de 1773, foi interrompido o processo organizativo do exílio e as comunidades tiveram da se dissolver, para se dispersarem [os seus membros] pelo centro e o norte da Itália, ainda que a maioria permanecesse nas cidades atribuídas até à chegada dos franceses em 1796, pois não só tinham estreitado laços de amizade com

---

7 Dois de Teologia Dogmática, um de Moral, outro de Direito Económico, outro de Sagrada Escritura, um de Filosofia e um de Retórica, para uns 60 estudantes. Tal como funcionava em Córdoba. Pablo Hernández SJ, op. cit., p. 245.

8 Francisco Javier Miranda SJ, *Vida del Venerable sacerdote Don Domingo Muriel, religioso un tiempo de la abolida Compañía de Jesús y último provincial de su Provincia del Paraguay, escrita por un discípulo suyo sacerdote de la misma Compañía*, Córdoba, Universidad Nacional de Córdoba, 1916, p. 333.

a nobreza, que lhes permitia ter trabalho na educação dos seus filhos, como também muitos eram já pessoas idosas a quem custava trasladar-se algures.

Encarregado de notificar o breve aos jesuítas do Paraguai foi o bispo de Faença, Vitale Giuseppe de' Buoi, que os convocou ao seu palácio para lhes ler o documento pontifício que colocava um termo à Companhia de Jesus<sup>9</sup>. Seguiram-se anos de soçobramento, em que apareciam vagos lampejos de esperança no regresso, como foram os decretos reais de 1797 e 1798, que lhes permitiam voltar a conventos ou às casas dos seus familiares em Espanha. Só cinco jesuítas conseguiram passaporte para a América. A Buenos Aires chegou o padre Diego León de Villafañe, se bem que, por essa altura, também tenham alcançado o Rio de la Plata os secularizados Pedro Arduz de Jujuy, juntamente com o seu pequeno filho, e José Rivadavia de Buenos Aires, que foi deportado em 1803, ainda que tenha regressado e morrido na sua terra natal uma década depois.

Os que ficaram em Espanha foram expulsos novamente da Península, regressando a Itália até à tomada de Roma pelos franceses, em 1808, tendo sido obrigados a jurar fidelidade ao novo rei de Espanha José Bonaparte. Obviamente, recusaram e foram perseguidos e encarcerados, como foi o caso de Francisco Javier Iturri, de Santa Fé.

Para a Restauração, primeiro em Nápoles e Sicília, em 1804, e uma década depois no resto do mundo, permaneceram vivos poucos jesuítas, dos quais um só regressaria conservando a investidura jesuíta: o mencionado padre Villafañe. Alguns outros ficaram na Europa e tomaram parte na nova Companhia de Jesus, entre eles os padres Pedro Ramón Ganuza (1744-1829), Joaquín Lucas Usón (1743-1816) e os crioulos Juan Francisco Ortiz de Ocampo (1729-1816), Francisco Iturri (1738-1822) e Joaquín Camaño (1737-1820).

## A PRODUÇÃO LITERÁRIA DO EXÍLIO

A literatura escrita pelos jesuítas na sua estadia em Itália destacou-se notavelmente. Isso radica – como escreve Batllori – no estado cultural das diversas províncias espanholas perante a expulsão<sup>10</sup>. De tal maneira que surgiram escritores de suma significação que deram forma a uma espécie de literatura hispano-italiana. Dentre os religiosos da Companhia de Jesus que foram expulsos, já havia literatos célebres como Juan Andrés, Esteban Terreros e Francisco José de Isla, entre outros. Mas a grande produção estava reservada, em grande medida,

9 Francisco Javier Miranda SJ, op. cit., p. 369.

10 Miguel Batllori, SJ, *La cultura hispano-italiana de los jesuitas expulsos, españoles, hispanoamericanos, filipinos, 1767-1814*, Madrid, Ed. Gredos, 1966, p. 23.

para uma estirpe de homens que, antes de mais, desejavam tornar conhecida no mundo a sua vida missionária quotidiana em países longínquos e cheios de perigos. Neste sentido, sobressaem os que chegaram da América, nutridos de uma experiência educacional e missionária que os distinguiu. Os educadores tornaram-se publicistas, e os missionários, pela produção fundamentalmente de obras de carácter etnográficas, linguísticas, teológicas e geográficas, converteram-se em fontes primordiais, por exemplo, do enciclopedismo de Hervás, o pai da Filologia moderna, que recebeu notável ajuda de jesuítas do Paraguai como José Guevara, José Pellejá, Ramón María de Termeyer, José Cardiel, José Manuel Peramás, José Sánchez Labrador<sup>11</sup>, mas sobretudo de Joaquín Camaño, que proporcionou os seus conhecimentos sobre as línguas chiriguana e as do Brasil, retificou as notícias de Machoni sobre a língua lule, escreveu sobre a afinidade entre as línguas maia, yapitalaga, mocovi e abipona, além das línguas dos payakus, guanás, porrudos, guayakás e omaguacas.

Uma primeira etapa literária em Itália ficaria assinalada pelos relatos comovedores do exílio, nos quais os jesuítas legaram escritos testemunhais daquele facto. Obviamente, foram todos textos proibidos e inéditos, que se publicaram muito tempo depois<sup>12</sup>. E, uma vez estabelecidos, entregaram-se de alma e coração a escrever de forma sistemática o que uns já tinham começado a conceber na América, e continuavam com as suas memórias, que se afirmavam com o decorrer do tempo e na recordação inapagável dos bons tempos do passado.

Esta situação relacionou-se com os escritos do contexto europeu que desvalorizava não só a empresa colonizadora espanhola, como também as culturas de origem e a natureza do novo continente, e certamente a obra evangelizadora dos jesuítas. Referimo-nos principalmente às obras do holandês Cornelio de Pauw (1768-1769), do sacerdote francês Guillaume Raynal (1770) e do escocês William Robertson (1777). Os jesuítas, como intérpretes principais dos sentimentos regionalistas, foram os primeiros detratores dessas posições, como o chileno Manuel de Salas, o mexicano Francisco Javier Clavijero ou o peruano Juan Pablo Viscardo Guzmán, entre muitos outros. E foram até estimulados a dar essa resposta, não só por convicção, mas também porque o Conde de Floridablanca começou a oferecer prémios de duplas pensões aos expulsos, para que

---

11 O padre Furlong menciona ainda os padres Juan Molina (Catamarca, 1734-Ravena, 1778), Manuel Manuel Durán (Monterde, 1729-Verona, 1797), Francisco Burgés (Pamplona, 1709-Faenza, 1777), Tomás Borrego (Ecija, 1728-Faenza, 1790) e José Ferragut (Palma de Mallorca, 1748-Ravena, 1787) (Guillermo Furlong SJ, "Lorenzo Hervás y las lenguas indígenas americanas", *Estudios*, a. XVI, n. 190, Buenos Aires, s.n., 1927, p. 294).

12 Uma compilação destes em Carlos A. Page, *Relatos desde el exilio. Memorias de los jesuitas expulsos de la antigua Provincia del Paraguay*, Asunción del Paraguay, Servilibros, 2011.

escrevessem contra aqueles<sup>13</sup>. A monarquia borbónica tinha absoluta necessidade de controlar a historiografia americana e, para isso, dispunha do intelecto jesuíta, se bem que pressionado, como uma possibilidade e esperança de regresso. Mas essa defesa não foi exercida pelos jesuítas com um critério único, pois, tal como uns reivindicavam a intervenção de Espanha quase se convertendo em apologistas, outros preferiam enaltecer as suas convivências com as culturas originárias, destacando a terra e os homens americanos. Referimo-nos aos jesuítas do norte da Europa e, sobretudo, aos próprios crioulos.

Um exemplo entre os jesuítas do Paraguai foi o já mencionado padre Iturri, de quem nos ocuparemos em particular. Mas em toda a América se produziram obras exaltando o continente, como os trabalhos dos padres Francisco Javier Clavijero, do México, Juan Ignacio Molina, do Chile, Juan de Velasco, de Quito, Antonio Julián e Filippo Antonio Gilij, da Venezuela.

Efetivamente, os jesuítas dividiram-se, nas suas apreciações, entre hispano-europeus e crioulos, se bem que todos juntos cultivavam uma ideologia regionalista pré-nacional, que aumentou com a melancolia da distância e os sofrimentos que lhes causou o exílio. Destas tendências, a obra de José Manuel Peramás, comparando a República de Platão com as reduções guaranis (1793), já não tem apenas um caráter religioso, mas evidencia as suas ideias europeístas.

Na antiga província do Paraguai, destacaram-se vários professores escritores que trabalharam diversas temáticas, destacando o valor das letras clássicas, a Filosofia e ainda a História Natural, pois a Ciência ocupou um lugar preponderante. Mas muitas destas obras foram publicações póstumas, que penetraram no século XIX e, profundamente ainda, nos nossos dias.

Os jesuítas exilados também se interessaram pelos sucessos políticos do seu convulsionado tempo. Seguiam com frequência os acontecimentos, que, inclusivamente, comunicavam aos seus amigos americanos, como foi o caso do padre Juárez, que informava os Funes, em Córdoba, do que ocorria na Europa.

A obra literária dos jesuítas no exílio foi tão copiosa que começaram a aparecer bibliógrafos, como o prolífero padre Raimundo Diosdado Caballero (Palma de Mallorca, 1740-Roma, 1829), que também em exílio publicou a sua biblioteca de escritores jesuítas, entre 1814 e 1816. A sua obra, evidentemente, tinha um elemento correlativo com a obra começada por Pedro de Ribadeneira (1602-1608), continuada por André Schott (1613), Philippe Alegambe (1643), Nathaniel Southwell (1676) e, sobretudo, Nicolás Antonio (1672-1696), que os padres Arévalo, Córdoba e o próprio Rávago tentaram atualizar. Mas, contemporâneo ao padre Raimundo, estava também o seu mestre e amigo, o pai da

13 Inmaculada Fernández Arrilaga, *El destierro de los jesuitas castellanos (1767-1815)*, Salamanca, Junta de Castilla y León, 2004, p. 100-110.

Filologia Comparada, o jesuíta Lorenzo Hervás y Panduro, que escreveu sobre os escritores jesuítas do exílio, situados entre 1759 e 1799, uma obra que o seu autor não chegou a ver publicada – e recentemente editada por Astorgano Abajo, em 2007 –, indicando à volta de 30 escritores do Paraguai, de um total de 495 mencionados, ou seja, 170 mais do que o próprio Sommervogel. O catálogo de Hervás é, sem dúvida, o mais completo, superando não apenas o do francês, mas também o de Pólgar e o do próprio Aguilar Piñal, entre os mais laboriosos, os quais excluíram uma grande quantidade de escritores jesuítas. Nesta ocasião, suprimimos de Hervás aqueles que escreveram, mas morreram antes do exílio, como Bartolomé de Mora e Francisco Bautista ou Pedro Juan Andreu, que escreveu na América, mas não sabemos se o fez no desterro. Inclusivamente, o provincial Manuel de Vergara, que morreu em Porto de Santa Maria em 1770. Sem pretender diminuir minimamente a imensa obra de Hervás, assinalamos apenas dois pormenores [de incorreção]: o Francisco Larreta, que foi nomeado provincial, nunca esteve no Paraguai; e Rafael de Córdoba, que nas palavras de Hervás foi visitador no Paraguai, [na realidade] não o foi.

Com o seu trabalho, o padre Raimundo deixou o caminho aberto aos irmãos Agustín e Aloys De Backer, que se concentraram primeiramente nas edições de Plantin, com o objetivo de atualizar os trabalhos dos antigos bibliógrafos, de que surgiu uma primeira edição em sete volumes publicados entre 1853 e 1861. Juntou-se a eles e foi depois seu continuador o francês Carlos Sommervogel, que anotou uma série de erros e, quando um de eles foi a Paris, entregou-lha. Foi deste modo que começou a colaborar com eles, por correspondência, até à edição final da obra, publicada em 12 tomos, que apareceram entre 1890 e 1900.

Por outro lado, as obras dos exiliados também começaram a clamar a atenção, por exemplo do jesuíta Alessandro Gallerani, com prólogo de Salvador de Madariaga SJ (1897) e com especial referência aos expulsos americanos, José Toribio Medina (1915).

Finalmente, não podemos deixar de mencionar o padre José Eugenio Uriarte (Bilbao, 1842-Orduña, 1909), entusiasmado por englobar a totalidade da bibliografia jesuítica. A publicação da obra de *De Baecker-Sommervogel* persuadiu-o de limitar-se a estudar apenas os escritores da antiga Assistência de Espanha. Os primeiros três tomos dedicou-os a anónimos e pseudónimos (1904-1906), enquanto o quarto e quinto foram publicados por Enrique del Portillo e Mariano Lecina (1925-1935). Algum tempo depois, foi conhecida a sua *Biblioteca de Escritores de la Compañía de Jesús*, uma obra trabalhada com Lecinas, mas de que só se publicaram dois volumes, que chegam até à letra F. Na atualidade, completa este trabalho o padre José Martínez de la Escalera SJ.

Já o jesuíta e bibliógrafo Antonio Possevino, no século XVI, tinha catalogado sete grupos temáticos. Alguns anos depois, o seu confrade Claude Clément ampliou-os a 24<sup>14</sup>. Mas é sumamente difícil a catalogação temática de autores, pois vários deles fizeram incursões em variados temas e disciplinas. Nós, simplesmente e para organizar o texto, dividimos o mesmo em escritores estrangeiros, espanhóis e crioulos, com algum subtítulo eventual. Trataremos os autores cujas obras foram escritas no exílio, com o intuito de delimitar o tema, e procuraremos mencionar alguns textos que conhecemos, [e que são ainda] inéditos ou [estão] perdidos.

## AUTORES ESTRANGEIROS

Como assinalámos, desde início os jesuítas do norte da Europa tiveram uma visão particular do mundo americano, salientando as culturas originárias e a sua própria experiencia missionária. Os seus exílios foram acomodados, pois não tiveram que se transladar aos Estados Pontifícios, mas regressaram aos seus países. Um deles foi Martin Dobrizhoffer (Frymburk, 1718-Viena, 1791), que permaneceu 18 anos entre os guaranis, mocovis e abipones. Deportado para a Europa, ele esteve detido no convento franciscano de Cádiz, até que foi para Viena em 1773. Então, a pedido da imperatriz Maria Teresa, foi publicada, com grande repercussão, a sua famosa obra em três tomos, primeiro em alemão (1783-1784) (Figura 1) e, depois, em latim (1784). Seria também publicada em inglês (1822-1935), se bem que com omissões e resumos de várias passagens, e, finalmente, em castelhano, traduzida por Edmundo Wernicke e com introdução do padre Furlong (1967-1970), que sublinha a particular e exhaustiva descrição desta etnia na sua complexidade cul-



FIGURA 1 Versão alemã do livro de Dobrizhoffer (1783-1784).

14 Sobre Possevino e a organização das bibliotecas jesuítas, ver Antonio Astorgano Abajo, "La Biblioteca jesuítico-española de Hervás y Panduro y su liderazgo sobre el resto de los ex jesuítas", *Hispania Sacra*, Madrid, vol. LVI, n. 113, p. 170-268.

tural. O autor não só transmite nas suas palavras o profundo amor que teve por eles, como contagia o leitor, através da sua calorosa leitura.

Seguindo com os estrangeiros que estiveram no Paraguai, mencionemos o não menos conhecido Tomás Falkner (Manchester, 1707-Plowden-Hall, 1784), que estudou Física e Matemática com Newton, sendo enviado para a América pela Royal Society de Londres para estudar as propriedades medicinais de plantas e águas. Ao chegar, não só se tornou católico, como ingressou na Companhia de Jesus, realizando múltiplas atividades, entre as quais a exploração da Patagônia, onde descobriu inclusivamente o primeiro fóssil pré-histórico. Regressou à sua pátria em 1771, incorporando a província jesuíta de Inglaterra. O seu trabalho sobre a região austral da América foi extraído e publicado por William Cumbre em 1774 (Figura 2). No ano seguinte, a obra foi traduzida e impressa na Alemanha e, depois, em França em 1788. Simultaneamente à aparição do livro, o oficial da Secretaria do Conselho de Finanças de Espanha, *Don Manuel Machón*, traduziu-a em castelhano para alertar Carlos III sobre o texto, que afirmava ser uma clara incitação dos ingleses para invadir a Patagônia, que até então a Espanha não tinha ocupado. Desde esse momento, a Coroa preocupou-se em arbitrar os meios para a ocupação e considerou Falkner um traidor, como sugerira Machón, além de proibir a publicação da obra em castelhano. A tradução imperfeita de Machón foi impressa em seguida por De Angelis em 1835, havendo uma outra bem melhor, da Universidad de La Plata, publicada em 1911. A obra teve grande repercussão e, inclusivamente, foi utilizada por Darwin como guia preparatório para a sua viagem a Beagle. Outro trabalho menos difundido, e de que apenas se conhece o exemplar do British Museum, foi editada por Tomas Pennant em 1788, algum tempo depois do falecimento do autor. Falkner também escreveu sobre a anatomia do corpo humano, em dois tomos, e várias outras obras menores, que se perderam e que o padre Furlong (1929 e 1954) felizmente investigou.

Da atual Polónia provém o missionário Florián Paucke (Wińsko, 1719-Neuhaus, 1779), que, no momento da expulsão, trabalhava entre os mocovis e, regressando à Baixa Silésia, doou o seu famoso escrito ao mosteiro cisterciense de Zwettl, na Áustria. A sua obra é conhecida pelas suas cerca de 150 notáveis ilustrações, que têm uma correlação temporal com a do seu coe-

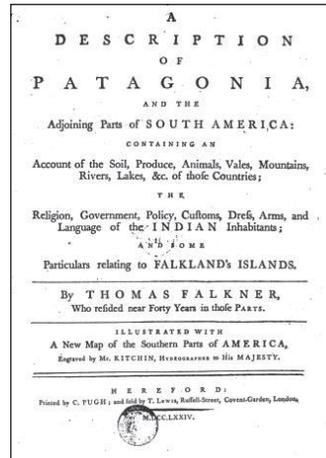


FIGURA 2 Primeira edição do livro de Falkner (1774).

tâneo jesuíta de México, o boêmio Ignacio Tirsch. Plasma a memória dos lugares, personagens, flora, fauna e acontecimentos mencionados no texto. Os amenos relatos, precisamente, estão cheios de pormenorizadas informações sobre a sua chegada à América e regresso à Europa. Existem várias versões abreviadas<sup>15</sup>, tanto do texto como, inclusivamente, das ilustrações, sendo a primeira a do monge cisterciense Johannes Frast, de 1829 (Figura 3), concentrada num extrato muito pequeno. Continuarão a editá-la os jesuítas Andrés Kobler (1870), Agustín Brigmann (1908) e outros mais. Mas foi o padre Furlong quem teve em mãos o original e procurou realizar a sua impressão castelhana, que surgiu em três tomos entre 1942 e 1944, com tradução do não menos meritório Edmundo Wernicke. Esta edição introduziu várias ilustrações coloridas. A extensa obra de Paucke apenas se publicaria na sua língua em 1959, com reproduções nas cores originais, ainda que o texto tenha sido alterado. Só dois tomos, copiados da edição argentina, foram publicados em 1999 e 2000, até à publicação da obra completa em 2010, composta pelas 141 ilustrações, que se conservaram, exceto uns rascunhos em lápis, junto com um CD dos textos da tradução de Wernicke.

Outros autores estrangeiros não sobressaíram tanto como os mencionados, mas, para além de exercerem os seus ministérios, também se dedicaram a escrever. É o caso do croata Nikola Plantich (Zagreb, 1719-Varaždin, 1777), que, no momento da expulsão, se encontrava no Colégio de Montevidéu. Chegado pouco depois à sua pátria, deixou escritas algumas lições de Lógica, pregações em língua croata e a tradução, neste idioma, da gramática latina de Manuel Álvarez<sup>16</sup>. No convento mercedário de Mendoza, existe uma obra inédita

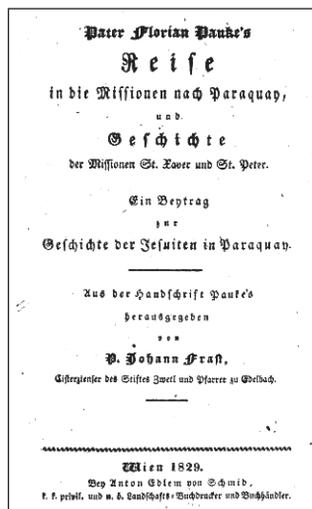


FIGURA 3 Primeira edição resumida do livro de Paucke (1829).

15 *Título original: Hin und Her. Hin süsse und vergnügt, her bitter und betrübt: das ist: Treu gegebene Nachricht durch einem im Jahre 1748 aus Europa in West-America, namentlich in die Provinz Paraguay abreisenden und im Jahre 1769 nach Europa zuruckkehrenden Missionarium...*, Zwertler-Codex 420, vol. 2, Biblioteca do Mosteiro de Cister de Zwettl na Baixa Áustria.

16 *Pobosna y Kratka za Vszaki Dan Meszeczca Premishlyavanya, vszem szveto siveti y szrechno vumreti selyeechem kruto hasznovita*, Zagrebe, 1775 (Carlos Sommervogel SJ), *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, t. VI, Bruxelas, Oscar Schepens; Paris, Alphonse Picard, 1895, p. 876).

sobre Lógica, escrita em latim por Plantich<sup>17</sup>, certamente redigida antes do exílio. Outro exemplo foi o do músico e matemático austríaco José Brigniel (Klagenfurt, 1699-Wiener Neustardt, 1773), que chegou a Buenos Aires em 1729, tendo sido missionário entre os guaranis, os abipões e os guaicurus, com quem viveu até à expulsão, que o levou à Itália durante um curto período de tempo. Escreveu um vocabulário, gramática, catecismo e sermões em língua abipoa, e deu início a um dicionário da mesma<sup>18</sup>. Sommervogel<sup>19</sup> acrescenta que ele escreveu uma gramática, catecismo e sermões em guarani. Também o explorador, linguista e missionário alemão Bernardo Havestadt (Colônia, 1714-Münster, 1781), chegado em 1747, escreveu sobre a língua araucana, obra editada em 1777 (Figura 4) e reeditada em 1883, testemunhando que o seu maior mestre foi o seu compatriota padre Francisco Javier Wolfswisen.

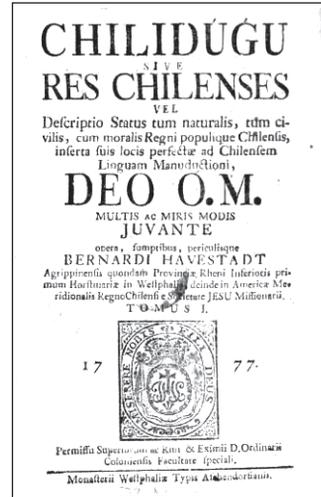


FIGURA 4 Livro de Havestadt sobre a língua araucana (1777).

## ESCRITORES ESPANHÓIS

Os escritores espanhóis foram, indubitavelmente, os mais numerosos. Chegados à América a partir de diferentes regiões, nas diversas viagens que os procuradores na Europa fizeram no século XVIII. Ao referirmos as atividades do esquema organizativo transplantado no exílio, mencionámos o padre

17 Narciso Binayan Carmona, “Los primeros croatas en la Argentina”, *Studia Croatica*, XII, n. 42-43, Buenos Aires, 1971, p. 124.

18 Vicente D. Serra, *Los jesuitas germanos en la conquista espiritual de hispano-américa, siglos XVII y XVIII*, Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Teología de San Miguel e Institución Cultural Argentino-Germana, 1944, p. 299.

19 Carlos Sommervogel SJ, *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, t. II, Bruxelas, Oscar Schepens; Paris, Alphonse Picard, 1891, p. 165.

Domingo Muriel (Tamames, 1718-Faenza, 1795) como protagonista<sup>20</sup>. Desde que acatou a ordem da supressão, e ainda antes<sup>21</sup>, dedicou-se a escrever várias obras de diferentes temáticas, como o conhecido *Fasti Novi Orbis* (1776) (Figura 5), sendo uma tradução aumentada da obra do padre Charlevoix, que o padre José Sans trabalhou, e que discorre sobre uma síntese cronológica acerca do descobrimento e colonização da América (1218-1771)<sup>22</sup>. Também e com o seu conhecido pseudónimo de Ciriaco Morelli, recompilou 605 disposições pontificias sobre América. Como jurista, destaca-se o seu livro *Rudimenta Juris*, que foi traduzido em castelhano com não muita precisão em 1911, e o inédito intitulado *Jus Nature et Gentium apud Indios Meridionalis*, que está perdido. São obras históricas a tradução em latim da reputada *Historia del Paraguay*, do padre Charlevoix, em que não só incorporou algumas notas de esclarecimento, como também completou vários capítulos<sup>23</sup>. Como autor ascético, publicou, em 1772, a *Práctica de los Ejercicios*, do padre Diertins (1698), que é mencionada por Hervás y Panduro<sup>24</sup>, a que se junta a tradução dos *Principios de la vida espiritual* do padre Surin. Também na biografia do padre Miranda se incorporaram algumas cartas do

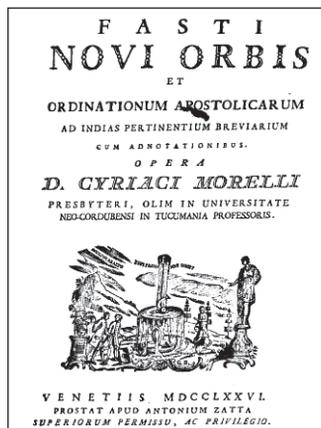


FIGURA 5 O *Fasti Novi Orbis* de Muriel com o pseudónimo de Morelli (1776).

20 Temos conhecimento de dois retratos do padre Muriel. Um publicado, pela primeira vez, na oração fúnebre do jesuíta Baltasar Masdeu, impressa em Lugo, em 1796, do qual escreve o padre Miranda: “bastantemente semelhante”, pois foi feita a partir de uma máscara mortuária. Essa estampa, inclusivamente, circulou entre as pessoas que desejavam a sua canonização. O outro é um óleo, aparentemente de meados do século XIX, que se encontrava no Colégio do Salvador em Buenos Aires e está desaparecido.

21 Antes do exílio, conhece-se a *Lettre à l’auteur de l’article “Jesuite” dans le Dictionnaire Encyclopédique* (1766). É uma obra anónima, mas cuja autoria Diosdado Caballero reconhece, e o padre Furlong encontrou um exemplar em Valência, se bem que sem capa. Por outro lado, conhece-se um manuscrito que permaneceu inédito até à sua publicação pelo padre Furlong, a saber, a *Breve noticia de las misiones vivas*, escrito após a sua visita às missões, de 1766 (Guillermo Furlong SJ, *Domingo Muriel y su relación con las misiones* (1766), Buenos Aires, Librería del Plata, 1955c).

22 Datas que aludem à descoberta da Groenlândia pelos noruegueses, por um lado, e o abandono das ilhas Malvinas por parte dos espanhóis, por outro.

23 Foi publicada em 1779 e traduzida ao castelhano pelo padre Hernández em sete tomos surgidos entre 1910 e 1919.

24 Lorenzo Hervás y Panduro, op. cit., p. 401.

padre Muriel, sendo a mais importante uma circular que enviou exortando os jesuítas a permanecerem fiéis às normas de Santo Ignacio e uma carta instrutiva sobre os ministérios a celebrar, confessar e pregar<sup>25</sup>. As obras de carácter teológico e apoloéticas são *Collectanae Dogmatica* (1792), que constituía o primeiro tomo de uma enciclopédia filosófica-teológica, que ficou inédita e perdida, e *Opus contra Jansenianam*<sup>26</sup>. Também escreveu uma obra publicada contra os enciclopedistas franceses (1766), e outra inédita em defesa da guerra guarani e contra os seguidores de Campomanes<sup>27</sup>. Outras das muitas obras inéditas que testemunham da sua diversidade temática são a *Cuestión compleja* e a *Demonstración del estado de España*<sup>28</sup>.

Seguimos com o excelente biógrafo de Muriel, o padre Francisco Javier Miranda (Ledesma, 1730-Bolonha, 1811), de quem se conservam vários escritos; a biografia do seu mestre é o seu segundo texto que chegou a ser publicado, se bem que muito tempo depois da sua morte. Efetivamente, o manuscrito foi recuperado pelos jesuítas em Roma e custodiado pelos jesuítas de Barcelona, até que o padre Hernández o deu a conhecer. É um dos textos do género biográfico mais amenos e repletos de informação, escrito pelos antigos jesuítas, mas com o objetivo de contribuir à causa de beatificação de Muriel. A sua primeira obra, surgida uma década antes, foi impressa em várias entregas de uma publicação periódica, relatando os avatares da partida dos noviços de Córdoba (1906). Mas um trabalho que o destacará é, sem dúvida, *El fiscal fiscalizado*, que foi impresso recentemente, em 2013, e onde o padre Miranda procura demonstrar que campomanes estava à cabeça de uma conspiração composta por jansenistas, franco-mações e filósofos libertinos, que pretendiam acabar com os jesuítas. Contudo, a obra contém um grande número de tópicos americanos. Outro livro

25 Francisco Javier Miranda SJ, op. cit., p. 493-524 y 525-542). Da primeira, existe uma cópia do texto no AL: Ilustres 20/12 – “Carta del P. Domingo Muriel, Provincial de la Provincia del Paraguay a sus súbditos sobre el modo de conservar el espíritu religioso, extinguida la Compañía de Jesús, escrita antes que lo fuese”.

26 O padre Furlong segue o padre Miranda no que se refere ao que foi uma frustrada impressão que o padre Muriel apresentou para a sua aprovação no Tribunal da Inquisição de Faenza em 1783 com o título *Monumenta Historica*, que viria a ser uma continuação da obra de Lafitau contra os jansenistas (Guillermo Furlong SJ, op. cit., p. 80).

27 O manuscrito *Recurso de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús del Tribunal de la Verdad, y de la inocencia, en causa de la execucion, y resultas del Tratado de Límites entre España y Portugal* (ARSI, Paraq. III, ff. 203-230) com uma síntese publicada por Charlevoix; e *Entretimiento sobre la consulta del consejo extraordinario al Rey Don Carlos Tercero acerca de lo que se había de responder al Breve del Papa Clemente XIII*, manuscrito citado por Miranda, mas que está perdido (Francisco Javier Miranda SJ, op. cit., p. 440).

28 Guillermo Furlong SJ, *Francisco Miranda y su sinopsis (1772)*, Buenos Aires, Ed. Theoria, 1963, p. 29.

também recentemente impresso é *El perro de Diógenes* (2010), em que o padre Miranda critica condutas individuais e coletivas através de um relato de profunda erudição no campo das Humanidades. O padre Furlong<sup>29</sup>, ao biografar o padre Miranda, publicou a *Síntesis o ensayo de los daños en lo espiritual y temporal seguidos del destierro*, além de mencionar uma grande quantidade de obras inéditas conservadas, na sua maioria, nos arquivos de Loiola, em Aspetia, e Toledo, em Alcalá de Henares.

Já que tratamos de biógrafos, destaquemos o humanista catalão José Manuel Peramás (Mataró, 1732-Faenza, 1793). Depois de ter publicado a vida de Ignacio Duarte y Quirós, na tipografia de Córdoba, no exílio, ele entrou pela poesia, escrevendo um poema em três partes e 2.100 versos sobre a descoberta da América, publicado em 1777, e um outro laudatório, dedicado ao bispo de Faenza Domingo Marchioni Manciforte, em 1787. Como mencionámos, cultivou o gênero biográfico com grande êxito, publicando, primeiro, a vida de seis jesuítas em 1791<sup>30</sup> e, depois, a de outros 13, em 1793<sup>31</sup> (Figura 6). Nesta última obra, incluiu a biografia do notável noviço Baigorri, traduzida, primeiro, em italiano, no ano de 1859<sup>32</sup>, e em espanhol, em Barcelona, em 1895<sup>33</sup>. Peramás não chegou a ver impressa a segunda série de biografias, devido à sua morte em Faenza. Desta vez, incluía não só 13 personagens, mas também uma primeira parte, onde comparava as reduções guaranis com a doutrina utópica da *República* de Platão<sup>34</sup>.

29 Guillermo Furlong SJ, op. cit., p. 57-92.

30 Contamos com uma reedição impressa em 1946 com a tradução de Antonio Ballus e prólogo de Guillermo Furlong. Os seis biografados são os padres Manuel Vergara, Manuel Querini, Pedro Juan Andreu, Juan Escandón, Vicente Sans e Segismundo Griera.

31 Incluí as biografias dos padres Ignacio Morro, Juan Mesner, Juan Suárez, Ignacio Chomé, Francisco Ruiz de Villegas, Juan Ángel Amilaga y Antonio del Castillo, Esteban Pallozzi, Clemente Baigorri, Francisco Urrejola, Joaquín Irribarren, Cosme Agullo e Martin Schmid. Peramás não chegou a ver impressa esta segunda série de biografias, devido à sua morte em Faenza nesse mesmo ano.

32 O padre Giuseppe Boero (1814-1884), ao rever os quatro tomos do monólogo de Patrignani publicado em 1730 e ao ampliá-lo em dois tomos, publicando tudo em 1859, incorporou três biografias de Peramás, a do padre Juan de Escandón no primeiro tomo (p. 145-153), a do padre Juan Pedro Andreu no segundo tomo (p. 436-447) e a de Clemente Baigorri também no primeiro tomo (p. 438-444).

33 *Revista Popular. Semanario Ilustrado*, Ano 39, Barcelona, Librería y Tipografía Católica, 1895, p. 86-88. Pouco depois, o jesuíta Vicente Agustí (1849-1915) publicou-a num folheto de 16 páginas, também em Barcelona, acrescentando-lhe um adequado subtítulo. Finalmente, a biografia de Peramás foi novamente traduzida em 1999 por Italo M. Viotto.

34 *De Administratione Guaranítica Comparetate ad Rempublicam Platones Commentarii* foi reeditada com tradução em castelhano de Juan Cortés del Pino, em 1946, e depois por Francisco Fernández Pertiñez e Bartolomé Meliá, em 2004, por intermédio do Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch” de Assunção, Paraguai.

De Peramás merece especial menção o pormenorizadíssimo diário do exílio, que não só foi conhecido pelos seus contemporâneos, mas que também foi censurado. Do original conservaram-se duas versões, uma em castelhano e outra em latim, um pouco mais extensa. Esta última foi impressa em italiano pelo historiador José Boero, em 1859<sup>35</sup>. Finalmente, a versão castelhana foi publicada, pela primeira vez, numa série de fascículos, que apareceram entre 1906 e 1907 na *Revista eclesiástica del Arzobispado de Buenos Aires*. Mas foi o padre Furlong que, em 1937, se ocupou extensamente da biografia do autor do texto e, em 1952, agregar-lhe-á o diário, com o qual iniciou a famosa e monumental série dos *Escritores coloniales Rioplatenses*. Recentemente, a atenção historiográfica voltou-se tanto sobre a figura de Peramás como, em particular, o seu diário e descrição da província jesuíta. Embora muitos dos seus escritos permaneçam ainda inéditos e tenham sido mencionados por Hervás y Panduro<sup>36</sup> no seu tempo.

Outros houve que também escreveram desde o exílio. Bernardo de Castro (La Rioja, Arg. 1729-Faenza, 1781), cuja dramática viagem começa na redução de San José de Vilelas, e a quem se deve um interessantíssimo manuscrito sobre a etnia de Salta, escrito em 1771<sup>37</sup>. Acrescente-se Juan Bautista Roca (Palma de Mallorca, 1725-Civitavecchia, 1800), que escreveu desde o Colégio de Belém, em Buenos Aires, além dos já mencionados padres Iturri, Sánchez Labrador, Paucke, Juárez e Miranda. Obras estas que, como assinalámos noutra passagem, foram compiladas recentemente. Destaquemos ainda o catalão José Pellejà (Riudoms, 1730-Ravena, 1787), que não só escreveu uma relação da expulsão desde Chiquitos, como ainda Hervás mencionou três obras da sua autoria: uma gramática em língua chiquita, que, segundo Camaño, a escreveu de memória, sendo provavelmente a que Sieglinde Falkinger encontrou na Biblio-

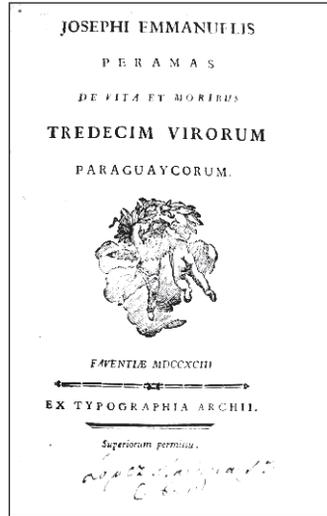


FIGURA 6 Primeira edição das 13 biografias de Peramás (1793).

35 Em 1868, o padre Augusto Carayón traduziu-a e publicou-a em francês. Também apareceu a tradução inglesa em Londres, em 1875, e em língua alemã, cuja edição esteve a cargo de Antonio Huonder, entre 1899-1900.

36 Lorenzo Hervás y Panduro, op. cit., p. 437.

37 O original de 48 folios conserva-se no ARXIU, com cópia em AL, e foi publicado por Guillermo Furlong em 1939.

teca Estense Universitaria, de Modena; as outras obras que o polígrafo jesuíta menciona são um “*Diccionario de varias materias y secretos de artes mecánicas*” [Dicionário de várias matérias e segredos das artes mecânicas] e uma “*Instrucción para ayudar a morir bien*” [Instrução para ajudar a bem morrer].

O notável literato Joaquín Millás (Saragoça, 1746-1811), que tinha chegado a Buenos Aires em 1764, exerceu no exílio como catedrático de Metafísica no Colégio Real de São Pedro, em Placência (Itália). Psicologista, embora mais inclinado para a escola escocesa, como Arteaga, do que para os postulados de Condillac, o fundamento da Filosofia estava, para ele, na observação do Homem, e não tinha inconveniente algum em aceitar a dúvida cartesiana ou patrocinar o método analítico<sup>38</sup>. Em Mântua, escreveu o seu conhecido ensaio sobre o paralelo dos três géneros da poesia de Virgílio com a poesia italiana e a relação com as demais artes (1785). Tendo sido bem-recebida a obra pelos eruditos do seu tempo, e com a ajuda de José Nicolás de Azara, ministro de Carlos III, publicou também em Mântua a sua segunda obra em três tomos, dois de 1786 e um terceiro de 1788, que versa sobre o verdadeiro fim da cultura humana (Figura 7). Também esta obra foi bem-recebida, e, inclusivamente, o jesuíta e literato italiano Jerónimo Tiraboschi incluiu um extrato da mesma nos *Jornales de Módena*. Ao chegar o livro à Espanha, foi elogiado pelo Conde de Floridablanca, pelo que Carlos III duplicou a sua bolsa/subsídio. Foi então que Millás adoeceu e teve de mudar-se para um pequeno povoado dos arredores de Bolonha, mas por pouco tempo, pois foi chamado para a mencionada cátedra de Placência. Ali esteve dois anos e depois regressou a Saragoça, mas não sem antes publicar a sua introdução à metafísica (1798), em dois tomos dedicados aos seus discípulos e onde contempla os tratados de Lógica, Ontologia, Cosmologia, Psicologia e Teologia moral. Das obras até aqui enumeradas se ocupou extensa e pormenorizadamente Latassa y Ortín<sup>39</sup>, o mais importante bibliógrafo das letras aragonesas. Embora não in-

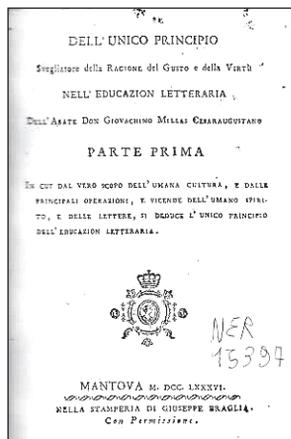


FIGURA 7 Tomo 1 de *Dell'unico principio...* do P. Millás (1786).

38 Marcelino Menéndez y Pelayo, *Historia de las ideas estéticas en España*, vol. I, Madrid, CSIC, 1993, p. 1151.

39 Félix de Latassa y Ortín, *Biblioteca nueva de los escritores aragoneses que florecieron desde el año de 1795 hasta el de 1802*, t. VI, Pamplona, Oficina de Joaquín de Domingo, 1802, p. 126-155.

clua outras obras do jesuíta Millás publicadas em Itália, nomeadamente as de Verona e Placência de 1797, que reafirmam apenas a sua vocação eclética e o seu gosto pelo racionalismo de Descartes e o método analítico.

O moralista aragonês Juan Francisco Aznar (Palomar, Teruel, 1743-Saragoça, 1800) chegou a Buenos Aires em meados de 1764, e a expulsão surpreendeu-o quando estudava em Córdoba. Em Itália, residiu em Ferrara, até poder regressar a Espanha, para a casa de um tio em Huesca. Faleceu fortuitamente numa viagem para Saragoça. Conhecem-se duas obras deste autor. A primeira impressa em Ferrara, em 1786 (Figura 8), foi traduzida e enviada à Espanha em consideração por ele, mas o próprio padre Luengo refere o pouco mérito da mesma<sup>40</sup>. O seu segundo trabalho, impresso em 1791, também em Ferrara, foi uma tradução para italiano de um livro do arcebispo de Toledo Valero y Losa.

Por último, houve vários jesuítas que se dedicaram a traduzir obras de outros autores, como os mencionados Aznar e Muriel, mas também Manuel Sierra (Argamasilla, 1725-Faenza, 1790) se dedicou a esta tarefa, ele que ingressara na Companhia de Jesus da província de Castela em 1742 e, três anos mais tarde, já se encontrava em Buenos Aires. Segundo Hervás, traduziu em espanhol a obra do jesuíta Crasset sobre a devoção à Virgem Maria. Outro que se dedicou quase exclusivamente às traduções foi o moralista e missionário Manuel García (Reiteños, 1715-Faenza, 1782), que tinha chegado a Buenos Aires em 1743 e, quando da expulsão, encontrava-se em Santa Fé. Traduziu uma obra ascética e outra mística do jesuíta Juan Bautista Scaramelli, publicada em Madrid pelo padre Peramás em 1790, e outras obras, que permaneceram inéditi-

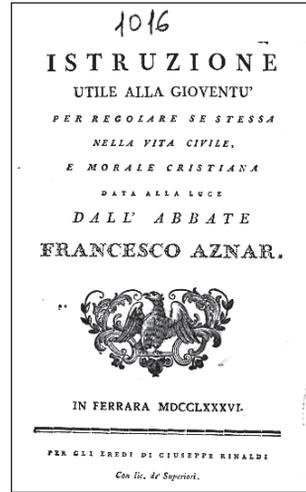


FIGURA 8 Uma das obras de Aznar, publicadas em Ferrara (1786).

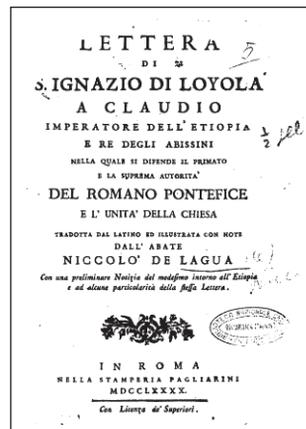


FIGURA 9 Carta de Santo Inácio ao imperador da Etiópia, publicada por Lagua (1790).

40 Lorenzo Hervás y Panduro, op. cit., p. 129.

tas, do jesuíta Diego Álvarez de Paz, do franciscano Antonio Arbiol e várias de monsenhor Afonso de Ligório<sup>41</sup>. Além disso, compôs uma história do Colégio de Santa Fé, de que foi o seu último reitor<sup>42</sup>. Também nesta atividade se encontrava o linguista e historiador Nicolás Laguna (Haro, 1740-Poggio Mirteto, 1794), que chegou a Buenos Aires em 1764 e foi estudar em Córdoba, onde foi detido. Em Faenza, foi ordenado sacerdote, dedicando-se ao ensino dos filhos do Marquês de Muti Papazzurri, mas, por razões de saúde, foi trasladado para a província de Sabina, em 1790, sendo pároco da igreja de Poggio Mirteto. Da sua experiência como professor de Girolamo y Pompeo, filhos do marquês, publicou uma obra em 1788. No entanto, não foi a única, pois Hervás menciona outras duas, positivamente resenhadas por Luengo e publicadas em 1789 e 1790 (Figura 9), além da tradução de um escrito do sacerdote Blas Ortiz, falecido em 1540, e uma tradução para italiano de um livro do bispo Santo Alberto, de 1792, e os dois primeiros tomos das *Letras Pastorales* do mesmo prelado, impresso em Roma em 1793, cujo original espanhol apareceu em Madrid em 1786.

## OS ESCRITORES DA MALOGRADA EXPEDIÇÃO DOS PADRES ROBLES E MURIEL

Eram 80 homens, aqueles que foram autorizados para a última expedição ao Paraguai. Mas os procuradores Muriel e Robles apenas conseguiram enviar um primeiro grupo de 20<sup>43</sup>, que zarparam de Cádiz em 11 de janeiro. Quando se preparavam para embarcar os restantes, o fiscal do Conselho aduziu que eram muito jovens e apenas autorizou a ida de quatro. Os jesuítas recrutados para o Paraguai chegaram a Montevidéu em 25 de julho de 1767 e, no dia seguinte, regressaram sem sequer pisar terra rio-platense. Entre eles, estava o então estudante saragoçano, que prestigiou o seu nome como matemático, Manuel Gervasio Gil (Villarroya, 1745-Piacenza, 1807). Foi vindicador e defensor das teorias do matemático e filósofo jesuíta Rudjer Boscowich, e para tal publicou uma obra em Foligno, em 1791, dedicada a Alexandre Pianciani e mencionada por Hervás. Porém, não cita outras duas aparecidas em Placência entre 1798 e 1799.

41 Lorenzo Hervás y Panduro, op. cit., p. 244-245.

42 Guillermo Furlong SJ, *Diego León Villafañe y su "Batalla de Tucumán" (1812)*, Buenos Aires, Ediciones Theoría, 1962, p. 478.

43 A lista de 18 sacerdotes e dois coadjuutores está presente em em Pablo Pastells SJ e Francisco Mateos SJ, *Historia de la Compañía de Jesús de la Provincia del Paraguay*, t. VIII, 1760-1768, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1949, p. 1200-1201.

Por seu turno, o linguista José Sans (Borjas del Campo, 1734-Roma, 1804) foi do grupo que não chegou a embarcar, mas ficaram a seu cargo os enviados para Itália. Nessa viagem, professou o seu quarto voto na Córsega. O tarraconense já tinha publicado um livro antes do exílio; mas, em Faenza escreveu pelo menos um livrito, intitulado *Qui sunt hostes* (Figura 10), que Hervás não menciona, e foi impresso em 1792. Quando, seis anos depois, empreendeu a viagem de regresso a Espanha, o seu barco naufragou e perdeu muitos dos seus papéis, incluindo manuscritos do padre Muriel, de quem tinha sido amigo e confessor. Em 1774, apareceu uma obra considerada da sua autoria, embora sem o nome do autor. Dois anos depois, publicaram-se dois trabalhos seus, um dividido em duas partes, escrito em hexâmetro, e os *Fasti Novis Orvis*, editado por Muriel. Segundo Hervás, as obras seguintes foram publicadas em 1784 e 1787. Finalmente, em 1792, imprimiu-se em Faenza um trabalho contra os filósofos iluministas, dedicado ao bispo de Faenza Marquês de Manciforte, resenhado com satisfação pelo padre Luengo e por outros críticos, como Cernitori. Depois de um estudo preliminar onde expõe que Deus é autor de paz, e não de sedição, e que não são pessoas de Cristo aquelas que causam perturbações, passa para a primeira parte, de três capítulos, em que explica como há que tratar com os que estão no erro por causa dos seus preconceitos, como se conhece o homem reto pelas suas obras e como o apóstolo Paulo nos ensina esse caminho. A segunda parte consta de 16 capítulos, continuando com os mesmos assuntos, que envolvem a doutrina relativa às relações entre a Igreja e o Estado. Furlong<sup>44</sup> atribui a Sans, por causa do seu carácter e espírito, a obra *Dammatio et prohibitio* de 1786, que se encontra entre os papéis do padre Luengo.

Outro jesuíta que acompanhou o padre Sans foi José Antonio Serrano (Huéneja, 1740-Génova, 1826). Depois de longos anos de exílio em Parma e Lugo, regressou à Espanha em 1798, residindo em Barcelona até 1801, quando regressou à Itália. As suas obras são muito difíceis de encontrar, comentadas

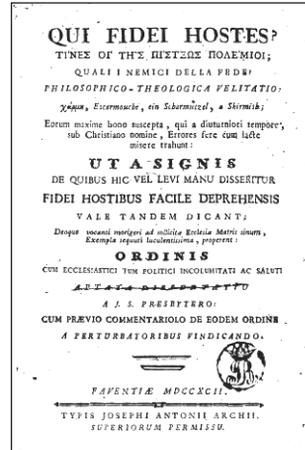


FIGURA 10 *Qui sunt hos-  
tes...* del P. Sans (1792).

44 Guillermo Furlong SJ, "Vicente Sans y José Sans", *Estudios*, Buenos Aires, s.n., mai. 1945b, p. 256.

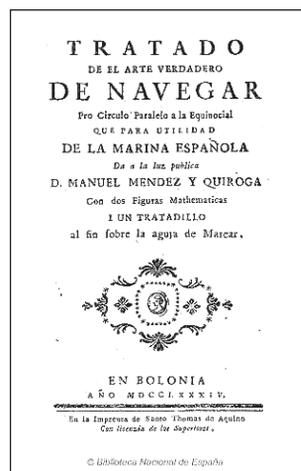
desde Hervás y Panduro<sup>45</sup> até Furlong<sup>46</sup>. A única resenhada de forma completa é a que ataca o famoso trabalho de Spedalieri sobre os direitos do Homem, defendendo o poder divino dos reis, publicada em 1792. Outra é *Planeticoli*, que, na sua primeira edição (1797), estampa sob o pseudónimo de “Antonio Sornera” e apenas coloca o seu nome, ao menos, em duas edições posteriores (1800 e 1805). Outros dois trabalhos nem sequer foram encontrados pelo seu biógrafo: um sobre umas conclusões de Física (1802) e, outro, um discurso pronunciado em Placência sobre os terremotos (1806). Segundo Furlong, em 1813 publicou o seu melhor trabalho, acerca dos astros opacos e luminosos.

Finalmente, Julián Nieto (Orgaz, 1748-Génova, 1784) ingressou na Companhia de Jesus em 1763, mas só recentemente pôde embarcar na expedição dos padres Robles e Muriel, na fragata *Santa Brigida* ou *Venus*, que regressou com muitos outros jesuítas. Da Espanha passou para os Estados Pontifícios. A sua aparentemente única obra é citada por Hervás e localizámo-la na Biblioteca Manfrediana de Faenza, sendo editada em 1776.

## ESPAÑHÓIS DEDICADOS À CIÊNCIA E ÀS CULTURAS ORIGINÁRIAS

O marinheiro e matemático José Quiroga (Fabal, 1707-Bolonha, 1784), chegou a Buenos Aires em 1745 e, de imediato, juntamente com os padres Cardiel e Strobel, participou na expedição à Patagónia. Dois escritos redigidos no Paraguai, referidos às suas expedições, foram publicados no século XIX. No seu exílio, residiu em Bolonha com o astrónomo Ignacio Frías. Interessa-nos o seu labor neste período, pelo que mencionaremos apenas um tratado, de escasso valor, mas que demonstra o seu interesse pela Matemática e a navegação, publicado em 1784 (Figura 11). Ainda que a capa refira Méndez como autor, o mesmo esclarece na introdução que foi o seu tio, o padre Quiroga, que lhe ofereceu o texto.

Uma grande e conhecida figura foi José Cardiel (Villa de la Guardia, 1704-Faenza,



**FIGURA 11** A pouco conhecida obra de Quiroga, publicada em Bolonha (1784).

45 Lorenzo Hervás y Panduro, op. cit., p. 671.

46 Guillermo Furlong SJ, “Vicente Sans y José Sans”, *Estudios*, Buenos Aires, s.n., mai. 1945b, p. 133.

1781), que chegou a Buenos Aires em 1729. Foi um missionário notável e popular, que, juntamente com os padres Quiroga e Strobel, recorreram as costas patagônicas. A expulsão levou-o das reduções guaranis rumo a Faenza, onde se dedicou a compor alguns mapas publicados pelo padre Furlong e a reelaborar os seus textos sobre os guaranis. Só pôde ver impressa uma breve relação intitulada *De Moribus Guraniorum*, e apenas com as suas iniciais, que publicou [depois] o padre Muriel, ao traduzir em latim e completar a obra de Charlevoix. O tema das missões foi uma constante entre os seus escritos, tendo o seu início na carta que ele escreveu ao seu mestre, o padre Pedro Calatayud, em 1747, publicada pelo padre Furlong (1953). Redige o mesmo tema no exílio, só que sem o assombro e a visão juvenil daqueles primeiros anos. Inclusivamente, fê-lo com o mesmo destinatário, em finais de 1770 e começos do seguinte, e que se publicou em Faenza. Muitos anos depois, foi incluída no livro do padre Hernández, de 1913, e em 1994. No exílio, escreveu também um compêndio da história paraguaia (1780) sob o pseudônimo de presbítero José Dorceli, publicado em 1984, depois de ter sido encontrado o manuscrito numa biblioteca de Bolonha.

José Jolis (San Pedro de Torrelló, 1728-Bolonha, 1790) chegou a Buenos Aires em 1755 e terminou os seus estudos em Córdoba, para depois ser enviado ao Chaco. Depois da expulsão e estabelecido em Faenza, publicou em 1789 parte da sua obra consagrada à história natural daquela região, que permanecia indelével na sua recordação (Figura 12). Tinha preparado outros três tomos quando lhe sobreveio a morte, no ano seguinte, e o seu trabalho permaneceu extraviado. Em 1972, María Teresa Acuña traduziu a obra, com introdução de Ernesto Maeder.

É verdadeiramente enciclopédica a obra do manchego José Sánchez Labrador (La Guardia, 1717-Ravena, 1798), que, desde a sua estadia em Itália, compôs vários volumes relativos à Botânica, Zoologia, Linguística, Geografia, Etnografia e História do Paraguai. Sabemos que, ao ser detido, confiscaram-lhe diversos papéis, que pretendia levar para a Europa, embora não seja certo se realmente os levou consigo. Mas é inverosímil que tanta informação expressa nas suas investigações no exílio fosse apenas guardada nas suas recordações. José Sánchez Labrador residia em Ravena, onde era reitor do colégio jesuíta

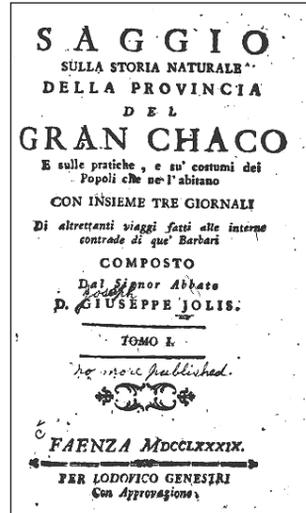


FIGURA 12 A conhecida obra de Jolis, publicada em Faenza (1789).

(Miranda, 1916, p. 350). Não consignamos o número de volumes, porque na realidade ninguém os viu no seu conjunto. Apenas se publicaram três tomos do *Paraguay Católico*, entre 1910 e 1917, enquanto o manuscrito do ARSI sobre o *Paraguay natural ilustrado* acaba de ser publicado (Deckmann Fleck, 2015), somando-se ao da língua eyiguayegi publicado por Susnik, em 1971. Outra grande parte de outros manuscritos, assinados em Ravena entre 1769 e 1776, conserva-se dispersa em arquivos europeus, correspondendo ao *Paraguay Católico* na RAH e no AHPT. Os tomos do *Paraguay cultivado* encontram-se perdidos e são inumeráveis as publicações parciais da obra em geral, e de que se ocuparam bem os seus últimos biógrafos (Sánchez Otero et al., 1999).

Juan Ambrosio Fernández (Paredes de Nava, 1745-Valência, 1820) chegou a Buenos Aires em 1764 e foi detido em Córdoba. Passou para Nápoles em 1805, para incorporar-se à Companhia de Jesus restaurada, e uma vez expulsos dali por José Bonaparte, trasladou-se para Palermo, onde trabalhou na sua biblioteca pública. Hervás menciona um “Calendário político-astronómico, e alguns fólhos volantes”<sup>47</sup> da sua autoria, mas não os localizámos.

Outro que sobressaiu pelos seus estudos originais foi o missionário e naturalista Ramón María de Termeyer (Cádiz, 1737-1814), filho de alemães, que chegou a Buenos Aires em 1764, e a expulsão o surpreendeu na redução de San Javier, de mocovis. Trasladoado ao seu exílio na Itália, residiu em Génova, Faenza e Milão, onde trabalhou intensamente, publicando várias investigações que lhe valeram a incorporação na Academia Real Agrária de Turim e um prémio da Sociedade Patriótica de Milão. Se bem que, de forma incompleta, os seus escritos foram resenhados por Hervás, Baecker e Sommervogel, e ordenados por Ramón de Santa María, em 1907. Publicou nas revistas *Scelta di opuscoli interessanti*, de Milão, *Raccolta ferrarese di opuscoli scientifici, e letterari*, de Veneza, e *Opuscoli scelti sulle scienze e sulle arti*, de Milão. Uma compilação de sete artigos foi remetida pelo comissário Greco a Azara, em 1787 (Santa María, 1907, p. 204). Escreveu acerca das suas experiências com o bicho da seda, o veneno das víboras, insetos marinhos, diversos coleópteros e sobre a excelência da *yerba* [erva-mate]. Mas, fundamentalmente, foram auspiciosos os seus contributos para o cultivo da teia de aranha para fiar telas, confecionando inclusivamente um par de meias que enviou a Carlos III e a outros monarcas. Com a sua coleção de insetos, formou um museu na sua própria casa, mas o bombardeio de Milão por parte das tropas francesas em 1796 destruiu a sua morada, e os seus insetos espalharam-se. Do seu trabalho como principal investigador da seda aracnídea, destaquemos um tomo inteiro, de 425 páginas, que dedicou a demonstrar que a teia das aranhas era superior à dos bichos da seda (Figura 13).

47 Lorenzo Hervás y Panduro, op. cit., p. 593.

Esta publicação é a primeira de uma série, com um total de cinco volumes com o mesmo frontispício. Os tomos segundo e terceiro, publicados em 1808, tratam acerca da lã, destacando a dos guanacos de América. O tomo quarto, publicado em 1809, contém vários artigos sobre a sua especialidade e, finalmente, o quinto, publicado no mesmo ano, dedicou-o quase integralmente às missões guaranis. Uma seleção dos seus trabalhos foi traduzida em inglês e publicada pelo viajante Alexander Caldcleugh (1795-1858) em 1825 (Furlong, 1948).

Vários jesuítas trabalharam não só entre os guaranis, como ainda com os vilelas, e deixaram as suas impressões. Pois tanto eles, como os mocovis, abipões e outros, constituíam a nova esperança evangelizadora no Paraguai. Um deles foi o meritório missionário e historiador Tomás Borrego (Ecija, 1728-Faenza, 1790), que chegou ao Rio da Prata em 1749, sendo detido na redução de San Juan Bautista, de isitines, em Salta. Residiu em Faenza e, depois, em Roma, embora posteriormente regressasse, e a Secretaria de Índias encomendou-lhe uma obra histórica desde a Era Cristã, em 13 tomos, que concluiu em 1788, e, no ano seguinte, os três tomos do índice. A obra percorreu vários gabinetes, até que, no fim, ficou inédita. O longo título, que começa com *El mundo cristiano y político...*, resenha-o Hervás y Panduro<sup>48</sup>. Também se conserva uma relação dos índios vilelas, já que ele foi missionário na redução de San Juan de Valbuena de Petacas durante muitos anos; é um relatório solicitado por Camaño, que se encontra no ARXIU.

Também o padre Furlong, ao escrever sobre os vilelas, publicou vários escritos do mencionado padre Castro e do catalão Antonio Moxi (Berga, 1722-Ravena, 1791). Este último chegou a Buenos Aires em 1745 e foi missionário entre os chunupis e omoampas, escrevendo uma relação que foi publicada pelo padre Furlong (1931).

Entre os demais que trabalharam com os vilelas, encontra-se o espanhol Alonso Sánchez (Siruela, 1723-Faenza, 1773), de quem o padre Furlong<sup>49</sup> diz



FIGURA 13 Um dos tomos de Termeyer (1807).

48 Lorenzo Hervás y Panduro, op. cit., p. 578-579. Os manuscritos, embora incompletos, encontram-se na Biblioteca da Real Academia de Ciencias Morales y Polam-se na Biadrid (Marcelino Menéndez y Pelayo, op. cit., p. 216).

49 Guillermo Furlong SJ, *Entre los Vilelas de Salta*, Buenos Aires, Academia Literaria del Plata, 1939, p. 44.

que chegou até nós uma relação sua sobre o Chaco, numa cópia feita por Cardiel. Ainda com os vilelas trabalhou também o padre Olcina, ao qual o padre Furlong chama, erradamente, o nome do seu irmão Vicente. O alicantino Luis Tomás Olcina (Gorga, 1733-Ferrara, 1777) chegou às costas da Prata em 1755, tendo sido detido na redução de San Juan Bautista, de isistines, do Chaco, pouco depois de ter professado o seu quarto voto. Residiu em Faenza e, depois, em Ravena e em Ferrara, desde 1773, juntamente com o seu irmão Vicente, que foi o seu primeiro biógrafo<sup>50</sup>. Em Ravena, traduziu a célebre comédia francesa *La dame docteur* e escreveu uma obra sobre recordações, flora e fauna do Chaco, publicada anonimamente por Pastells, ainda que Furlong a atribua ao padre Cardiel (1920). No entanto, décadas depois, retificou-se e concedeu a autoria ao padre Olcina (1953). O seu último biógrafo, Domínguez Moltó<sup>51</sup>, não só publicou integralmente, como lhe atribuiu 11 obras, infelizmente inéditas, entre as quais se encontram várias cartas e relações sobre as missões do Paraguai, que o irmão Vicente tratou de reunir num tomo. Além disso, compôs uma doutrina em língua lule, um comentário sobre a bondade da esmola e um compêndio do dicionário de língua espanhola. Entre todas essas obras, a mais importante, cujo manuscrito, que se encontra na Biblioteca da RAH de Madrid, estava composto de cinco tomos de que só se conserva o último<sup>52</sup>, faz uma ampla exposição de toda a doutrina e moral católica. O seu irmão reuniu, depois da sua morte, mais três tomos inéditos que estiveram um tempo na Biblioteca de San Isidro, em Madrid, e que depois se perderam<sup>53</sup>. O padre Furlong chegou a publicar o único fragmento que se conserva na sua obra sobre os vilelas de Salta (1939) e do Chaco, com particular acento nos abipões (1938).

O grande missionário navarro, que viveu entre os mocovis, Francisco Burges (Pamplona, 1709-Faenza, 1777), chegou ao Rio da Prata em 1729 e foi o primeiro fundador de uma redução mocovi, dominando amplamente a sua língua, deixando um dicionário incompleto sobre ela. Durante o seu desterro e, como dissemos, a pedido de Camaño compôs uma *Relación de la fundación del pueblo*

50 Não obstante o ano da sua morte, Prat de Saba incorpora a sua biografia numa das suas conhecidas obras. Mas bem mais extensa foi a que escreveu o seu irmão Vicente. O manuscrito encontrado em Sarriá perdeu-se em 1939, sendo, porém, parcialmente publicado em 1886 por Agustín Gascó. Encontra-se uma excelente biografia em Adolfo Domínguez Molto, *Vicente Olcina, fabulista. Luis Olcina, misionero*, Alicante, Caja Provincial de Ahorros, 1984.

51 Adolfo Domínguez Molto, op. cit., p. 143-154.

52 *Explicación de las principales obligaciones de un christiano contenida en varias Doctrinas compuesta por el P. Luis Olzina de la Compañía de Jhs. Misionero del Paraguay.*

53 Vicente intitulou-os: “Doctrinas prácticas para la instrucción del Christianismo sobre varios asuntos muy importantes, Obra póstuma del P. Luis Olzina, Presbítero, natural de Gorga, en el Arzobispado de Valencia”.

*de San Javier de los Mocobíes*, publicada por Furlong<sup>54</sup>. Sommervogel confunde-o com o seu homónimo provincial do Chile e procurador do Paraguai. Também de origem navarra era Román Arto (Sanguesa, 1719-Faenza, 1780), que chegou a Buenos Aires em 1749 e, no exílio, escreveu a “Relación de los indios Tobas y Mocobíes”, de que dá notícia Furlong<sup>55</sup>, mas não a publica no seu livro sobre os mocovis. Também Antonio José Bustillo (Aloños, 1730-Faenza, 1796) esteve entre os mocovis, o qual arribou em Montevidéu em 1755, e a expulsão surpreendeu-o na redução de San Pedro dos mocovis. Companheiro de Paucke entre os mocovis, no exílio em Brisighella professou o seu quarto voto e, depois, residiu em Faenza. Escreveu uma relação sobre os mocovis, publicada por Furlong.

## MEMÓRIAS E RECORDAÇÕES DOS JESUÍTAS CRIoulos

Três jesuítas santafesinos destacaram-se pelo seu labor no exílio. O moralista Tomás Uzedo (Santa Fé, 1701-Faenza, 1769), ingressou na Companhia de Jesus aos 16 anos, tendo sido depois professor de Humanidades e missionário entre os guaranis. Esteve na residência de Jujuy e, dali, o provincial Pedro Juan Andreu mandou-o ir para Tarija, mas, por causa da sua doença, ficou no colégio de Salta. No momento da expulsão, foi detido em Tucumán e deportado para a Itália. Segundo Hervás, escreveu três obras<sup>56</sup>, ignoradas por Diosadado Caballero e Sommervogel, e que nós também não pudemos encontrar. Oriundo de Santa Fé foi também Juan Francisco Barrenechea (Santa Fé, 1735-Ravena, 1777), que escreveu uma sintética relação sobre o Chaco, que colocou à disposição do provincial Andreu, publicada pelo padre Furlong em 1941.

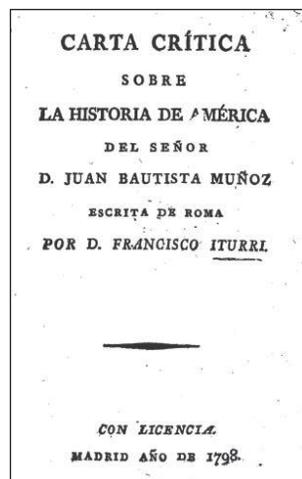


FIGURA 14 A famosa carta crítica de Iturri (1798).

54 Monografía situada entre os fls. 354-374, juntamente com o dicionário, no ARXIU (Guillermo Furlong SJ, *Entre los en Mocobíes de Santa Fe*, Buenos Aires, Amorrortu e Hijos, 1938, p. 23-35).

55 Guillermo Furlong SJ, op. cit., p. 377-392

56 1. *Diccionario legal indico, o leyes de Indias, distribuidas alfabéticamente por materias*. 2. *Excelencias del glorioso Arcanjel San Rafael*. 3. *Ejercicios de San Ignacio con meditaciones, lecciones, historia eclesiástica, &c. para uso de los que hacen ejercicios espirituales* (Lorenzo Hervás y Panduro, op. cit., p. 693).

Mas o que mais se destacou foi Francisco Javier Iturri (Santa Fé, 1738-Barcelona, 1822), que prosseguiu trabalhando no exílio, em Faenza e, depois da supressão, sendo trasladado a Roma, onde continuou com a sua *Historia natural, eclesiástica y civil del Virreinato del Río de la Plata*, hoje perdida. Porém, o padre Furlong<sup>57</sup> recorda-nos que Enrique García Velloso lhe tinha comentado ter encontrado o manuscrito num convento de Pisa, que o historiador jesuíta tentou, sem sucesso, encontrar em Itália. Entretanto, e do padre Iturri, publicou-se em Madrid a sua *Carta Crítica*, em 1798 (Figura 14), escrita para refutar apreciações pouco felizes que apareceram no livro do cosmógrafo-mor das Índias, o valenciano Juan Bautista Muñoz, sobre a história do Novo Mundo. A obra encomendada por Campomanes foi reimpressa em Buenos Aires, em 1818, no México, em 1820, e pelo padre Furlong, em 1955, como apêndice da sua biografia, em que incorpora toda a sua obra editada e inédita. Mas o padre Furlong, no mesmo trabalho, também publicou uma versão sobre o acontecido com a detenção do colégio de Assunção<sup>58</sup> e uma descrição dos povos das governações do Paraguai, Rio da Prata e Tucumán, cujo original se encontra numa obra inédita do padre Pedro Calatayud e foi um pedido que este último lhe fez para colaborar com o seu trabalho<sup>59</sup>. Um texto mencionado por Hervás y Panduro<sup>60</sup>, embora desconhecendo-se o seu paradeiro, é *Vantaggi delle' América sotto il dominio spagnuolo*.

O padre Iturri teve uma relação especial com o santiaguense Gaspar Juárez (Santiago del Estero, 1731-Roma, 1804), a quem corresponderia elaborar a parte histórica da *Historia natural* de Iturri. Isso quer dizer que o primeiro escrevia a parte eclesiástica e civil, e Juárez a História Natural. O notável santiaguense foi um dos jesuítas que deixaram uma relação da expulsão, publicada parcialmente, encontrando-se perdido o resto da obra<sup>61</sup>. Publicou as suas duas primeiras obras impressas em Roma, em colaboração com Filippo Luigi Gigli, com quem mantinha um jardim botânico no monte Gianicolo, no bairro de Trastevere, até que foi trasladado para os jardins pontifícios. A primeira foi im-

57 Guillermo Furlong SJ, *Francisco Javier Iturri y su "Carta Crítica" (1797)*, Buenos Aires, Librería del Plata, 1955a, p. 73.

58 Uma encontra-se no Arquivo dos Jesuítas em Alcalá de Henares e outra no de Roma. A primeira é a que Furlong publica e a segunda é que nós publicamos (Carlos A. Page, op. cit. p. 123-153).

59 O mesmo fez o padre Calatayud com os padres Guevara, Casado, Quiroga, Burgués, Arto, Araújo, Valdés, Camaño e outros, cujas contribuições usa para uma obra que assinaria em Bolonha a 8 de dezembro de 1771 e que se encontra no AL.

60 Lorenzo Hervás y Panduro, op. cit., p. 614.

61 Uma parte da relação do padre Juárez foi publicada pelo padre Grenón em 1920 e outra por nós em 2001. Ambas em 2011, embora ambas apenas sejam fragmentos de um diário mais extenso e perdido.

pressa em 1786, enquanto a segunda, que pretendia tornar pública uma série anual ilustrada com 10 plantas por tomo, apareceu em três oportunidades nos anos 1789, 1790 e 1792<sup>62</sup> (Figura 15). Juárez também reeditou parte da obra de Ruiz y Pavón, acrescentando-lhe algumas contribuições suas, [edição] anunciada num folheto reeditado em 1795, por Antonio José Cavanillas, e Hipólito Ruiz, no ano seguinte.

Finalmente, a correspondência do padre Juárez com os Funes foi publicada em dois tomos pelo padre Grenón em 1920, embora se desconheça o paradeiro dos manuscritos. Num outro plano, o padre Juárez interessou-se pelo género biográfico. Recordemos que foi designado por Pio VII (1800-1823) como revisor das causas de beatificação, para o qual treinou a sua pluma com longas leituras. A sua primeira obra neste sentido foi elogiar a vida da mãe dos seus amigos de Córdoba, os Funes (1797), de quem tinha sido mestre espiritual e confessor. No ano seguinte, empreendeu uma tarefa com maior arrojo e elevação, ao publicar uma vida de São Francisco Xavier, composta de 24 capítulos, cada um ilustrado com uma lâmina, seguindo o original do italiano Giuseppe Mase, que foi publicado em 1793, e que lhe facilitou inclusivamente as mesmas gravuras. Além da tradução em castelhano, Juárez incorporou as suas próprias contribuições à biografia<sup>63</sup>. Seguiu neste género literário com a biografia da Venerável Madre María Antonia de la Paz Figueroa, que ainda se encontra perdida e, depois, com a do jovem noviço, expulso do Paraguai, Clemente Baigorri, ao qual o próprio Luengo classificaria como um novo São Luís Gonzaga ou São Estanislau de Kostka. Hervás escreve que dita biografia foi traduzida em italiano e em latim. Nesta última língua, segundo ele, foi impressa na Alemanha, embora nenhum outro bibliógrafo trate desta hipotética publicação. A verdade é que ela permaneceu



FIGURA 15 As *Osservazioni fitologiche* que Juárez publica com Gigli entre 1789 e 1792.

62 *Osservazioni fitologiche sopra alcune piante esotiche introdotte in Roma fatte nell' Anno 1788*, Roma, stamparia di Arcangelo Casalatti, 1789, com 64 p. e com a referência a outra edição com 70 p. no ano de 1790. O terceiro tomo com a observação de 1890 foi publicado em Roma, na tipografia Gunchiana, por Venazio Monaldini, 1792, 99 p.

63 Recordemos que, sobre a vida de Xavier, escreveram-se cerca de 200 livros até à atualidade em 11 idiomas. O livro do padre Juárez foi reeditado em Pamplona em 2004, numa edição de María Gabriela Torres Olleta e impresso pela Fundación Diario de Navarra.

inédita até há bem pouco tempo<sup>64</sup>. Foi ainda mais longe, pois sabemos, pela sua correspondência com os Funes, que uns manuscritos seus foram colocados num catálogo de livros escritos depois do desterro, entre eles “Umaz dez Vidas de Varões Ilustres da Província do Paraguai”. Não os menciona todos, apenas Francisco Ruiz [de Regis] (1745-1822), José Clemente Baigorri e o portenho José Ignacio Jaunzaras (1743-1770), acrescentando que apareceriam num tomo onde também se daria notícia das missões, trabalhos apostólicos e expulsão. O texto já estaria escrito desde antes da abolição (1773), pois diz que se tinha lido nos refeitórios de algumas casas com o título de “Cartas edificantes da Província do Paraguai desde o ano de 1767”. Finalmente, menciona que as biografias estavam escritas em castelhano e “a maioria, ou todas, tinham sido traduzidas depois em latim por D. Joseph Peramas”<sup>65</sup>. Sugestiva afirmação que mudaria a autoria da obra impressa por este último. Inclusivamente, nas cartas que envia a Gregorio Funes, relata-lhe alguns textos sobre a história que estava a escrever<sup>66</sup> e que, casualmente, este último publicou com a sua assinatura um texto sobre o mesmo tema, muitos anos depois. Por outro lado, o padre Furlong registou várias obras que ficaram inéditas ou perdidas<sup>67</sup>.

Também santiaguense foi o astrónomo e matemático Alonso de Frías (Santiago del Estero, 1747-Roma, 1824), que a expulsão surpreendeu no colégio de Córdoba, onde estudava. Residiu em Faenza e, com a supressão, foi para Milão onde estudou e trabalhou no seu observatório, juntamente com outros jesuítas. Depois, passou à Espanha com a esperança de regressar à América, mas teve de regressar à Itália. Não se conhecem livros impressos nem se conservaram manuscritos seus. Hervás y Panduro<sup>68</sup> escreveu que foram enviadas ao observatório de Cádiz cinco obras manuscritas e uma publicada de sua autoria sobre astronomia. O padre Storni<sup>69</sup> menciona que vários dos seus escritos se conservam no ARSI, e o padre Furlong<sup>70</sup> escreve que alguns se encontram na Biblioteca Vittorio Emmanuele de Roma, e que, juntamente com os jesuítas

64 Carlos A. Page (dir.), *La vida del novicio jesuita José Clemente Baigorri escrita por el P. Gaspar Juárez*, Córdoba, Báez ediciones, 2012.

65 Pedro Grenón SJ, *Los Funes y el P. Juárez*, t. I, Córdoba, Tip. La Guttenberg, 1920, p. 181-182.

66 Referimo-nos ao mencionado trabalho em três tomos da *Historia natural, civil y eclesiástica del Virreinato del Río de la Plata*, composta juntamente com o padre Iturri, de que temos notícia do seu último destino em Madrid, onde foi remetida para impressão.

67 Nomeadamente as *Disertaciones del derecho natural y de gentes*, que levaram mais de 20 anos a elaborar e se perderam.

68 Lorenzo Hervás y Panduro, op. cit., p. 594.

69 H. Storny, “Frías Alfaro, Alonso de. Astrónomo”, in Charles E. O’Neill SI et al., *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús. Biográfico-Temático*, vol. 2, Madrid, Universidad Pontificia Comillas, 2001, p. 1521.

70 Guillermo. Furlong SJ, op. cit., p. 137.

Ángel de Cesaris e Francisco Reggio, publicaram diversos artigos, embora não assinados, para a revista do observatório de Milão, publicada entre 1776 e 1803.

Já mencionámos o texto sobre o exílio que foi escrito pelo riojano padre Castro. Também da Rioja era Joaquín Camaño (La Rioja, Arg. 1737-Valência, 1820), residente em Faenza e sobretudo em Ímola, que dedicou o seu tempo ao estudo etnográfico, compêndios linguísticos americanos e trabalhos cartográficos, com a série de mapas publicados entre 1780 e 1789, sobretudo o que foi elaborado para a obra do padre Jolís sobre o Grande Chaco (1789). Todavia, conhecem-se ainda outros cinco mapas, como o do governo de Buenos Aires, elaborado para a obra perdida de Iturri-Juárez; e da região do Orinoco, inserido no livro de Salvador Gilij (1781); um mapa de toda a América Meridional, registado por bibliógrafos do seu tempo, embora se encontre extraviado; um mapa do Paraguai, para inserir na biografia do missionário do Paraguai Luis Olcina<sup>71</sup>, escrita pelo seu irmão Vicente, também perdida; e o mapa da América, extraviado tal como o das Filipinas, mencionado por Sommervogel e outros tantos dos quais só temos conhecimento pelos seus biógrafos<sup>72</sup>. O padre Camaño foi um extraordinário linguista, como reconheceu bem Hervás y Panduro, além de muitos outros. Precisamente, o grande filólogo recebeu ajuda fundamental de Camaño, na sua monumental obra sobre a *Idea dell'Universo*, como também Gilij, que, no seu conhecido *Saggio di storia americana* (1782), introduziu observações da língua chiquita, escrita por Camaño. Mas as suas obras inéditas não chegaram até nós, exceto o texto do conhecido caderno inédito, que se encontra no Arquivo Jesuíta de Barcelona, que contém diversas notas de jesuítas do Paraguai, como a dos padres Canelas, Burgés, Arto, Bustillo e Camaño, que, aparentemente, era o material recolhido por este último para compor a sua *Historia da América*, de que desconhecemos o seu paradeiro, como o do seu dicionário histórico-geográfico das Índias e outras obras menores. O padre Furlong publicou a *Notícia do Grande Chaco* em 1931 e, em 1955, tal como Maeder e outros recentemente. O padre Camaño passou depois para a Espanha, com a intenção de voltar à América, regressando em seguida a Faenza para passar a Valência, onde foi mestre de noviços até à sua morte. Tratando-se de mapas, Sommervogel<sup>73</sup> menciona Juan Ignacio Deyà (Palma de Mallorca, 1730-Faenza, 1784) como autor de um mapa do Paraguai com uma legenda.

71 O padre Furlong afirma que o padre Luis Olcina é o autor de uma obra sobre “Recordações do Grande Chaco”, que Godofredo Kaspar atribuiu, por erro, ao padre Cardiel e publicou na *Revista de la Academia del Plata*, t. XVIII, jan.-jun., 1920.

72 Guillermo Furlong SJ, *Joaquín Camaño S.J. y su “Noticia del Gran Chaco” (1778)*, Buenos Aires, Librería del Plata, 1955b.

73 Carlos Sommervogel SJ, *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, t. III, Bruxelas, Oscar Schepens y París, Alphonse Picard, 1892, p. 28.

Da mesma naturalidade de Camaño foi Juan Francisco Ortiz de Ocampo (La Rioja, Arg., 1729-Roma, 1816). Era primo do padre Camaño e foi missionário e professor de Moral. Em 1798, valeu-se do decreto real e viajou para Barcelona, embora depois se tenha instalado em Nápoles, em 1804. Ocupou-se a escrever a História dos guaicurús e, segundo o padre Hernández, tinha impressa uma novela sobre Nossa Senhora de Monserrate, também citada por Sommervogel<sup>74</sup>.

O teólogo Diego León de Villafañe (Tucumán, 1741-1830) foi, como dissemos, o único jesuíta que, como tal, regressou à sua Tucumán natal, não sem antes ter deixado na Itália uma obra escrita e impressa (Figura 16). O padre Furlong não o valoriza como escritor e ainda menos como poeta, embora o eleve à [categoria de] patriota da Revolução, pois foi o único jesuíta que participou nos sucessos relativos à Revolução de Maio, inclusivamente como ator desses acontecimentos. Há pouco tempo, encontrámos na Biblioteca Nacional Braidense de Milão duas obras publicadas em Roma (1792a e 1792b). Ele escreve contra um texto do jesuíta Giovanni Vincenzo Bolgeni sobre a caridade cristã. O padre Furlong não conheceu as obras, mas seguiu apenas os bons comentários que sobre elas fez o padre Luengo<sup>75</sup>, embora, aparentemente, o valhisoletano também as não tenha lido, como se mencionou noutra ocasião<sup>76</sup>. Ambos os livros foram registados por Uriarte<sup>77</sup>. O valioso dos seus escritos são as numerosas cartas que escreve, e, por sorte, a maioria foi publicada por Furlong<sup>78</sup>, entre quais se incluem dois memoriais ao governador intendente de Cuyo, cartas a Funes em que deixa entrever várias obras que escrevera e que não se publicaram, e que hoje estão ex-

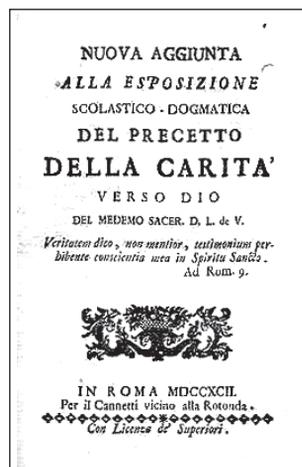


FIGURA 16 Uma das duas obras do padre Villafañe (1792b).

74 Carlos Sommervogel SJ, op. cit., VI, p. 1859.

75 AL, t. 26, ano 1792, p. 543-546, e ano 1793, p. 287-288.

76 Silvana M. Lovay e Carlos A. Page, "El regreso del P. Diego León de Villafañe, último jesuita de la antigua Provincia del Paraguay", in *IHS. Antiguos jesuitas en Iberoamérica*, vol. I, Córdoba, n. 2, 2013, p. 155-169.

77 José Eugenio de Uriarte, *Catálogo razonado de obras anónimas y pseudónimas de autores de la C. de J. pertenecientes a la antigua asistencia española*, t. I-V, Madrid, Tip. Sucesores de Rivadeneira, 1904-1916, p. 272-273 e 502.

78 Guillermo Furlong SJ, *Historia del Colegio de la Inmaculada de la ciudad de Santa Fe y sus irradiaciones culturales, espirituales y sociales, 1610-1962*, t. I, Buenos Aires, Sociedad exalumnos, 1962b.

traviadas, e inclusivamente cartas a Gaspar Juárez e outros jesuítas exiliados. O Arquivo General da Nação (Argentina) conserva um texto inédito sobre o uso da Sagrada Bíblia em língua vulgar de 1802<sup>79</sup>.

Mencionámos antes uma série de jesuítas que enviaram os seus valiosos escritos ao padre Camaño, entre eles o missionário crioulo entre os mocovis Manuel Canelas (Córdoba, Arg., 1718-Faenza, 1773). Ingressou na Companhia de Jesus em 1739 e, a pedido de Camaño, escreveu “Origen de la nación Mocobí y relato de sus usos y costumbres”<sup>80</sup>.

Destacam-se também o crioulo Roque Gorostiza (Tarija, 1726-Roma 1808), que ingressou na Companhia de Jesus em 1745 e escreveu sobre três entradas que fez aos vilesas, uma com o padre Jolís e outra sozinho<sup>81</sup>. E linguistas, tal como Francisco Legal (Assunção, 1724-Faenza, 1779), que escreveu, segundo recorda Sommervogel<sup>82</sup>, uma gramática em guarani, inserida na obra de Gilij publicada em Roma, em 1782.

Para concluir, mencionaremos o mendoncino Juan Ramón Videla (Mendoza, 1749-Roma, 1811), que ingressou na Companhia de Jesus em 1765 e estudou em Córdoba. Com a expulsão, estabeleceu-se em Faenza, regressando à Espanha em 1798, para de imediato regressar à Itália. Videla contava então 85 anos, quando escreveu uma carta, a partir da restabelecida Nápoles em 1805, relatando os acontecimentos surgidos desde aquele momento, inclusivamente conta que o provincial San José Pignatelli o incumbiu de escrever uma relação para ser impressa. Furlong publica-a integralmente<sup>83</sup>. Mas o idoso regressou a Roma e, encontrando-se no Colégio de Gesù, foi assassinado pelo jovem enfermeiro Luis Piroli num estranho incidente, que também levou a vida do coadjuutor espanhol radicado no Chile Juan Antonio Trebuesto Fueros, acontecimento esse redigido por Hanisch<sup>84</sup>, que segue Luengo.

79 AGN, BN, ms 4308.

80 Monografia colocada entre os fls. 177-347 no ARXIU (publicada em Guillermo Furlong SJ, op. cit. p. 78-118). Sobre o tema, veja-se María Laura Salinas e Fátima V Valenzuela, “Los mocobies del Chaco según la mirada del P. Manuel Canelas SJ”, *IHS. Antiguos jesuitas en Iberoamérica*, vol. 3, n. 2, 2015, p. 169-190.

81 Intitula-se “Breve noticia de las tres entradas que hizo el Padre Roque Gorostiza, dos de ellas solo y la tercera con el Padre Joseph Jolís” e o padre Furlong reprodu-la integralmente, em 1939, tomando-a do ARXIU.

82 Carlos Sommervogel SJ, op. cit., p. 1658.

83 Guillermo Furlong SJ, *Francisco Javier Iturri y su “Carta Crític” (1797)*, Buenos Aires, Librería del Plata, 1955a.

84 Walter Hanisch SJ, *Itinerario y pensamiento de los jesuitas expulsos de Chile (1767-1815)*, Santiago de Chile, Ed. Andrés Bello, 1971, p. 160.

## AUTORES COM OBRAS PERDIDAS E INÉDITAS

Mencionámos já várias obras que permaneceram inéditas, tais como, entre outras, as dos jesuítas Peramás, Sans e Borrego. Ou ainda as que se encontram perdidas, como as de Muriel, Pellejá, Jolís, Fernández, Olcina, Iturri e Juárez; e, inclusivamente, trabalhos inéditos e perdidos, como o de Sánchez Labrador. Um caso especial é, dentro da temática historiográfica, o de José Guevara (Recas, 1719-Spello, 1806), que chegou a Buenos Aires em 1734 e, por altura da expulsão, estava em Córdoba, onde foi despojado dos seus escritos, com a ideia de poder encontrar entre eles provas comprometedoras contra os jesuítas. Residiu em Faenza, foi reitor do colégio de Brisighella e cónego da catedral de Spello, da Diocese de Foligno. Hervás assinala quatro obras impressas entre 1775 e 1790, embora a última delas, ainda que tenha sido mencionada por outros bibliógrafos como impressa, Lamas considera-a inédita, e não só não a encontramos, como também desconhecemos inclusive o seu manuscrito original<sup>85</sup>. O seu trabalho mais conhecido é sobre a História do Paraguai, que foi impresso parcialmente em 1836, a partir de um original hoje perdido, e reeditado três vezes (1836, 1882 e 1908). A obra manuscrita completa em dois tomos, desaparecida, foi escrita na América, e o padre Guevara presenteou-a aos dominicanos de Tucumán. Tampouco sabemos do paradeiro de duas obras que ele deixou no colégio de Córdoba, relativas ao bispo Cárdenas, e mencionadas pelo próprio Hervás<sup>86</sup>.

Entre estes desafortunados autores, também se encontra Manuel Arnal (Teruel, 1710-Ferrara, 1787), que tinha chegado a Buenos Aires em 1734, passado pelas missões guaranis e que a expulsão surpreendeu de novo em Buenos Aires. Sabemos por Uriarte e Lecinas que tinha um trabalho refutando o ex-

---

85 1 – *Dissertatio Antiblasiana, seu Blasius Admonitor in Blasium Commonitorem*, Venecia, Typis Bettinelli, 1775. *Dissertatio Historico-dogmatica de Sacrarum Imaginum Cultu Religioso quator Epochis Complectens Dogma, et Disciplinam Ecclesiae Super Sanctas Imagines*, Foligno, Typis Jesualdi Fofi, 1789. 2 – *Dissertazione sopra gli oracoli nella quale si fa manifesto contra Fontanelle che il demonio ebbe parte negli oracoli degli antichi*, Foligno, Typis Gesualdo Fofi, 1790. 3 – *Risposta all' anonimo della lettera sopra la vicinanza del iudizio universale*, Foligno, Typis Giovanni Tomassini, 1790. 4 – *De Abusu Superstitioso Rerum Sacrarum*, Degli oracoli (Cf. Lorenzo Hervás y Panduro, op. cit., p. 257).

86 *Vida del Ilustrísimo señor Don Bernardino Cárdenas, o bispo del Paraguay y Disertación sobre la fe y crédito que se deben dar a las imposturas del señor Obispo D. Bernardino de Cárdenas, confirmándolo todo con Reales Cédulas, determinaciones de la Real Audiencia de Lima, del juez conservador, deposición de testigos de vista y oído, y con los escritos originales del mismo o bispo* (Cf. Lorenzo Hervás y Panduro, op. cit., p. 258-259; Carlos Sommervogel SJ, *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, t. III, Bruxelas, Oscar Schepens y Paris, Alphonse Picard, 1892, p. 1923.

-jesuíta Ibáñez de Echávarri, que estava em poder do padre Muriel<sup>87</sup>. Hervás também menciona três obras inéditas de Arnal, embora lhes desconhecamos o paradeiro<sup>88</sup>. Junte-se Pedro Campos (Ciudad Rodrigo, 1743-Faenza, 1799), que chegou a Buenos Aires em 1764, para continuar os seus estudos em Córdoba, onde foi detido e trasladado a Faenza e, depois, Génova. Dali enviou a Madrid, em 1789, três tomos manuscritos<sup>89</sup> que foram censurados por Floridablanca, por recomendação de Azara, que o considerava um dos jesuítas mais subversivos (Hervás y Panduro, 2007, p. 583).

Outro escritor que não deixou obra conhecida no exílio foi Juan de Escandón (Celucos, 1696-Faenza 1772), curiosamente não mencionado por Hervás e advertido por Astorgano Abajo<sup>90</sup>. Chegou a Buenos Aires em 1734 e alcançou o cargo de procurador na Europa (1757-1764). Com a expulsão, exercia como mestre de noviços, experimentado e muito querido jesuíta, que tinha deixado na América escritos profundos, mas que, no exílio, certamente pela sua avançada idade, não chegou a publicar nada. Segundo Peramás, seguido por Furlong<sup>91</sup>, deixou inédita uma tradução para castelhano de uma pequena obra, que era a resposta do cardeal Belarmino a dois libelos, e uma outra do mesmo cardeal sobre um interdito de Paulo V a frei Paulo Servita, que não pudemos encontrar.

Hervás também não menciona, mas foi estudado por Astorgano Abajo, o navarro Francisco Javier Mariátegui (Sangüesa, Navarra, 1741-1814?), um jovem que esteve no Paraguai apenas três anos. Sabemos que remeteu a Godoy uma novela histórico-pedagógica antifilosófica, composta em 1785, de três tomos, que não se publicou devido à censura de Grimaldi. Também Campomanes o censura numa obra em que implora poder regressar à sua pátria. Mas foram textos que o próprio Mariátegui confessa ter escrito para receber o subsídio a dobrar que lhe começaram a outorgar em 1785<sup>92</sup> (Astorgano Abajo, 2011, p. 196-200).

87 *Del fabuloso reino jesuítico en el Paraguai, contenido en los cuatro libros de Ibáñez y en el librito de la "República del Paraguay", que se presentó a Benedicto, papa, XIV.*

88 1 – *Synopsis Operis Anonymi (Italice Editi in IV Voluminibus) de Jure Libero Ecclesiae ad Possidenda Bona Temporalia*, t. folio. 2 – *Synopsis Ante-Febronii Italica Editi Caesena, typis Gregorii Biasini, et Auctore Francisco Antonio Zaccaria Soc. J.*, in IV voluminibus, in folio. 3 – *Vitae et Praedictionum Beati Joachimi Abbatis super Futuro Clericorum Regularium Ordine. Liber Singularis*, in 4to.

89 *Auctoritas, et Aequitas Summa Constitutionis "Unigenitus", &c., Adversus Veteres, et Novissimos Calumniatores.*

90 Lorenzo Hervás y Panduro, op. cit., p. 60.

91 Guillermo Furlong SJ, *Juan de Escandón SJ y su carta a Burriel (1760)*, Buenos Aires, Ediciones Theoria, 1965, p. 78.

92 Antonio Astorgano Abajo, "Un jesuita expulsado sangüesino rebelde: Francisco Javier Mariátegui, el ex jesuita oprimido", Pamplona, *Revista Príncipe de Viana*, vol. LXXII, 2011, p. 181-252.

Acresce-se o esloveno Ignacio Cierhaimb (Hofenbach, 1703-Alba Real, 1773), missionário entre os guaranis, que chegou em 1734 e foi deitado em Mártires, e do qual Sommervogel cita três obras escritas no Paraguai.

Não são poucas as obras que permaneceram inéditas ou se extraviaram. O padre Pedro Antonio de Calatayud (Tafalla, 1689-Bolonha, 1773) foi destinado ao Paraguai em 1716, mas não chegou a viajar, permanecendo na Espanha até à expulsão, momento em que se encontrava em Valhadolid. Já em Bolonha, propôs-se escrever um tratado de 19 capítulos sobre o Paraguai e, para isso, pediu a ajuda de vários jesuítas que estiveram nas missões, conservando-se o índice desse trabalho e várias colaborações enviadas por diversos jesuítas americanos. Praticamente todo inédito, encontra-se no Arquivo de Loyola<sup>93</sup> (Figura 17).

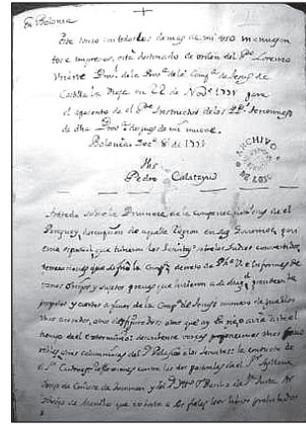


FIGURA 17 Inédito tratado da provincia do Paraguai, do padre Calatayud (1771).

## CONCLUSÃO

Como mencionámos e queremos reafirmar, parecia que os jesuítas expulsos estavam a escrever não só para os leitores do seu tempo, mas deixando assente o seu labor na América, pois pressentiam que este seria apagado da História. Era efetivamente o que pretendiam os Bourbon, destruindo o “mito” de Muratori. Paraphrasing Yerushalmi, existia no ambiente um grande medo do esquecimento, mais poderoso ainda do que o temor de ter de recordar demasiado. A memória não se contrapõe ao esquecimento, e rememorar o passado era uma necessidade, de maneira a afirmar a identidade própria e negar outra memória. Recuperar a identidade era o objetivo para sentirem-se livres. Pois essa identidade não provinha de Roma, como centro eclesial, nem da Espanha, metrópole da América, mas das inolvidáveis paisagens e pessoas que não puderam voltar a ver.

A reincorporação da Companhia de Jesus no mundo católico não foi suficiente reparo diante do dano produzido. Foram precisas várias décadas para recuperar o prestígio de outrora. E começou-se por reivindicar os escritos dos exilados, que foram lentamente publicados e abriram as fronteiras a uma comprometida identificação com a História. Os historiadores jesuítas souberam

93 AL, 17/3.

abrir o caminho a gerações de leigos que continuaram com entusiasmo a recorrer aquelas pegadas. O conhecimento do seu passado devolveu-lhes presença identitária e, de seguida, revalorizou-se o seu labor temporal através dos seus monumentos. Um pouco mais de um século foi quanto levou esta ininterrupta tarefa de acabar com preconceitos e instaurar na sociedade uma renovada reputação, até alcançar uma coisa que nunca tinham pretendido: o atual pontificado.

Um grupo, dos jesuítas no seu exílio italiano, dedicou-se a redigir obras demarcadas dentro de uma literatura edificante e apologética, jurídica e filosófica. Outros contribuíram para refutar os detratores da conquista e a escrever trabalhos científicos notáveis, que foram elogiados em seu tempo. Neste aspeto, seguiram o gosto e o pensamento do Iluminismo pela Ciência. Sempre sob o olhar inquisitorial, que via com maus olhos a produção jesuíta, e acima de tudo os temas devocionais.

Os jesuítas do Paraguai, à semelhança da maioria dos exilados, começaram a publicar depois da supressão da Companhia, que foi um momento muito mais duro que a própria expulsão. Neste sentido, os estrangeiros tiveram mais fortuna, já que o primeiro que logrou levar um texto à tipografia, embora em extrato, foi o padre Falkner (1774). Teve relativo êxito, já que o seu trabalho rapidamente se imprimiu noutros idiomas, se bem que em castelhano apenas em 1835. Mas não é de surpreender, já que a maioria dos livros foi vertida em língua hispana apenas nos séculos XIX e XX.

Essa particular preocupação historiográfica interessa-nos pela cultura aborígine, como reconhecimento da cultura hispano-americana de raiz indígena. Pois tratavam de demonstrar que os americanos não só têm cultura, mas também História, como o conhecido postulado de Giambatista Vico. E, dentro dessa valorização cultural, reivindica-se com todo o vigor o saber autóctone.

Os jesuítas não deixaram que o olvido se apoderasse da memória coletiva construída, que incluía a experiência da alteridade americana. Não estavam dispostos a submeter-se ao “passado ausente dos vencidos” e iriam defender essa América diferente, que tinham construído com grande sacrifício. Abriram um debate sobre o continente, como não existira desde o “descobrimento”, e não só valorizando a *outridade*, mas a própria identidade ibérica, ameaçada perante as críticas estrangeiras, que, em certos aspetos, deixavam a descoberto as debilidades da conquista.

De tal maneira que, das obras aparecidas durante o exílio, prevalecem trabalhos com temas diversos, com uma marcada tendência eclética e, inclusivamente, enciclopedista, como então estava em voga. Embora também tenham influído as frequentes correntes classicistas iluminadas, enquadradas no latinismo, porque a língua do Lácio facilitava-lhes a comunicação com os seus pares, os italianos. Inclusivamente usando pseudónimos italianizados como Muriel, Serrano e Cardiel.

Como diz Astorgano Abajo, havia uma necessidade de demonstrar que, apesar de ser perseguida e suprimida, a Companhia de Jesus continuava a trabalhar, e essa possibilidade manifestou-se – seguindo Luengo – logo que se desatou a competição entre literatos italianos, como Tireboschi e Bettinelli, e os hispanos Serrano, Andrés e Llampillas, pois iniciou-se então uma intensa atividade intelectual em proveito da Companhia de Jesus e o objetivo máximo de vê-la restaurada.

### ARQUIVOS

- AGN-BN: Arquivo Geral da Nação Argentina, fundo Biblioteca Nacional (Buenos Aires).  
AHPT: Arquivo da Província jesuíta de Toledo (Alcalá de Henares).  
AL: Arquivo de Loyola (Aspeitia).  
ARSI: Arquivo Romano da Companhia de Jesus (Roma).  
ARXIU: Arquivo Histórico da Companhia de Jesus da Catalunha (Barcelona).  
RAH: Real Academia da História (Madrid).

### REFERÊNCIAS

- Abbé Martín Dobrizhoffer, *Geschichte der Abiponer, einer berittenen und kriegerischen Nation in Paraguay...*, Viena, Joseph Edlen von Kurzbek, 1783-1784.
- Adolfo Domínguez Molto, *Vicente Olcina, fabulista. Luis Olcina, misionero*, Alicante, Caja Provincial de Ahorros, 1984.
- Antonio Astorgano Abajo, “La Biblioteca jesuítico-española de Hervás y Panduro y su liderazgo sobre el resto de los ex jesuítas”, *Hispania Sacra*, Madrid, vol. LVI, n. 113, 2004, p. 170-268.
- Antonio Astorgano Abajo, *Biblioteca Jesuítico-Española (1759-1799)*, de Lorenzo Hervás y Panduro, nota introdutória, Madrid, Libris, 2007.
- Carlos A. Page (dir.), *La vida del novicio jesuita José Clemente Baigorri escrita por el P. Gaspar Juárez*, Córdoba, Báez ediciones, 2012.
- Carlos A. Page, *Relatos desde el exilio. Memorias de los jesuitas expulsos de la antigua Provincia del Paraguay*, Asunción del Paraguay, Servilibros, 2011.
- Carlos Sommervogel SJ, *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, t. II, Bruxelas, Oscar Scheppens; Paris, Alphonse Picard, 1891.
- Carlos Sommervogel SJ, *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, t. III, Bruxelas, Oscar Scheppens; Paris, Alphonse Picard, 1892.
- Carlos Sommervogel SJ, *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, t. IV, Bruxelas, Oscar Scheppens; Paris, Alphonse Picard, 1893.
- Carlos Sommervogel SJ, *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, t. IV, Bruxelas, Oscar Scheppens; Paris, Alphonse Picard, 1894.
- Carlos Sommervogel SJ, *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*, t. VI, Bruxelas, Oscar Scheppens; Paris, Alphonse Picard, 1895.

- Cornelius de Pauw, *Recherches philosophiques sur les Américains ou Mémoires*, 3 vols., Berlim, s.n., 1768-1769.
- Daniel Teobaldi et al. (dir.), *El perro de Diógenes*, de Francisco Javier Miranda SJ, Córdoba, Universidad Nacional de Villa María, 2010.
- Diego Villafaña, *Esposizione scolastico-dogmatica del primo e massimo precetto della carità verso Dio. Operetta del sacerdote*, Roma, Tip. Luigi Perego Salvioni, 1792.
- Diego Villafaña, *Nuova aggiunta alla esposizione scolastico-dogmatica del precetto della carità verso Dio del medemo sacer.*, Roma, Tip. Luigi Perego Salvioni, 1792.
- Domingo Muriel SJ (trad.), *Práctica de los Ejercicios de S. Ignacio por el P. Ignacio Diertins de la Compañía de Jesus. Danse repartidos en meditaciones para todos los días del año*, Faença, Antonio Archi, 1772.
- Domingo Muriel SJ (trad.), *Principios de la Vida Espiritual sacados del Libro de la Imitación de Jesu Christo por el P. Joseph Surin. Traducción del original francés*, Cesena, Imprenta de Gregorio Biasini, 1778.
- Domingo Muriel SJ, *Collectanea Dogmatica de Saeculo XVIII. Authore D. Cyriaco Morelli, Presbítero, olim in Univesitati Neo-Cordubensi en Tucumania Professore Publico*, Veneza, apud Josephum Rosa, 1792.
- Domingo Muriel SJ, *Fasti Novi Orbis et Ordinationum Apostolicarum ad Indias Pertinentium Breviarium cum Anotationibus. Opera D. Cyriaci Morelli, Presbyteri, olim in Univesitate Neo-cordubensi in Tucumania Professoris*, Veneza, apud Antonium Zatta, 1776.
- Domingo Muriel SJ, *Lettre à l'auteur de l'article Jésuite dans le Dictionnaire Encyclopédique: ou compte rendu de cet article a son auteur*, Paris, s.n., 1766.
- Domingo Muriel SJ, *Rudimenta Juris Naturae et Gentium Libri Duo Auctore D. Cyriaco Morelli Presbytero Olim in Univesitate Neo-Cordubensi in Tucumania Publico Professore*, Veneza, apud Josephum Rosa, 1791.
- Félix de Latassa y Ortin, *Biblioteca nueva de los escritores aragoneses que florecieron desde el año de 1795 hasta el de 1802*, t. 6, Pamplona, Oficina de Joaquín de Domingo, 1802.
- Florian Paucke, *Hacia allá y para acá (Una estada entre los indios Mocovíes, 1749-1767)*, trad. Edmundo Wernicke, 4 vols., Universidad Nacional de Tucumán, 1942-1944.
- Florian Paucke, *Pater Florian Pauke's Reise in die Missionem nach Paraguay, und Geschichte der Missionem St. Xaver und St. Peter. Ein Beytrag zur Geschichte der Jesuiten in Paraguay. Aus der Handschrift Pauke's herausgegeben von P. Johan Frast, Cistircienser des Stiftes Zweyt und Pfarrer zu Edelbach*, Viena, Anton Edlem vom Schmid, 1829.
- Francisco Iturri, *Carta crítica sobre la Historia de América del señor D. Juan Bautista Muñoz escrita de Roma*, Madrid, s.n., 1798.
- Francisco Javier Miranda SJ, "Los novicios de Córdoba del Tucumán y otros novicios Americanos. Relato de sus pruebas y constancia en seguir la Compañía de Jesús en la expulsión de Carlos III", *Revista Eclesiástica del Arzobispado de Buenos Aires*, n. 6, p. 199-209, 285-297, 367-380, 1906.
- Francisco Javier Miranda SJ, *El fiscal fiscalizado. Una apología de los jesuitas contra Campomanes*, Alicante, Publicaciones de la Universidad de Alicante, 2013.
- Francisco Javier Miranda SJ, *Vida del Venerable sacerdote Don Domingo Muriel, religioso un tiempo de la abolida Compañía de Jesús y último provincial de su Provincia del Paraguay, escrita por un discípulo suyo sacerdote de la misma Compañía*, Córdoba, Universidad Nacional de Córdoba, 1916.

- Gaspar Juárez, *Conspectus Novae Editionis Florae Peruvianae et Chilensis, quan Romae Parat Gaspar Xuarez*, Roma, s.n., 1795.
- Gaspar Juárez, *Decade di Alberi curiosi ed eleganti piante delle Indie orientali e dell'America*, Roma, Salomoni, 1786.
- Gaspar Juárez, *Elogia de la Señora María Josepha Bustos*, Roma, 1797 (reeditada por Luis Alberto Altamira em 1949).
- Gaspar Juárez, *Observazioni fitologiche sopra alcune piante esotiche introdotte in Roma fatte nell' Anno 1788*, Roma, Tip. Arcangelo Casalatti, 1789.
- Gaspar Juárez, *Vida iconologica del Apostol de las Indias San Francisco Xavier de la Compañía de Jesus por Gaspar Xuárez*, Roma, Tip. Miguel Puccineli, 1798.
- Giuseppe Jolis, *Saggio sulla storia naturale della provincia del Gran Chaco e sulle pratiche, e su costumi dei Popoli che ne l'abitano*, t. 1, Faenza, Lodovico Genestri, 1789.
- Giuseppe Serrano, *Planeticoli: canti tre di Giuseppe Antonio Sornera*, Lugo, Presso Giovanni Melandri, 1797.
- Giuseppe Serrano, *Vera origini della sovramità temporale*, Ímola, Stamperia del Seminario, 1792.
- Guillaume Raynal, *Histoire philosophique et politique des établissements e du commerce des Européens dans les deux Indes*, 5 vols., Amesterdão, s.n., 1770.
- Guillermo Furlong SJ, "Datos sobre los indios chunupíes y omoampas, reunidos por el Padre A. Maxí en 1763", *Revista Solar*, Buenos Aires, s.n., 1931.
- Guillermo Furlong SJ, "Lorenzo Hervás y las lenguas indígenas americanas", *Estudios*, a. XVI, n. 190, Buenos Aires, s.n., 1927.
- Guillermo Furlong SJ, "Vicente Sans y José Sans", *Estudios*, Buenos Aires, s.n., mai. 1945b.
- Guillermo Furlong SJ, *Diego León Villafañe y su "Batalla de Tucumán" (1812)*, Buenos Aires, Ediciones Theoría, 1962.
- Guillermo Furlong SJ, *Domingo Muriel y su relación con las misiones (1766)*, Buenos Aires, Librería del Plata, 1955c.
- Guillermo Furlong SJ, *Entre los en Mocobíes de Santa Fe*, Buenos Aires, Amorrortu e Hijos, 1938.
- Guillermo Furlong SJ, *Entre los lules de Tucumán*, Buenos Aires, Talleres Gráficos San Pablo, 1941.
- Guillermo Furlong SJ, *Entre los Vilelas de Salta*, Buenos Aires, Academia Literaria del Plata, 1939.
- Guillermo Furlong SJ, *Francisco Javier Iturri y su "Carta Crític" (1797)*, Buenos Aires, Librería del Plata, 1955a.
- Guillermo Furlong SJ, *Francisco Miranda y su sinopsis (1772)*, Buenos Aires, Ed. Theoria, 1963.
- Guillermo Furlong SJ, *Historia del Colegio de la Inmaculada de la ciudad de Santa Fe y sus irradiaciones culturales, espirituales y sociales, 1610-1962*. t. I, Buenos Aires, Sociedad exalumnos, 1962.
- Guillermo Furlong SJ, *Joaquín Camaño SJ y su "Noticia del Gran Chaco" (1778)*, Buenos Aires, Librería del Plata, 1955b.
- Guillermo Furlong SJ, *José Cardiel y su Carta-Relación (1747)*, Buenos Aires, Librería del Plata, 1953.

- Guillermo Furlong SJ, *Juan de Escandón SJ y su carta a Burriel (1760)*, Buenos Aires, Ediciones Theoria, 1965.
- Guillermo Furlong SJ, *La personalidad y la obra de Tomás Falkner*, Buenos Aires, Talleres de Jacobo Peuser, 1929.
- Guillermo Furlong SJ, *Matemáticos argentinos durante la dominación hispánica*, Buenos Aires, Editorial Huarpes, 1945a.
- Guillermo Furlong SJ, *Nacimiento y desarrollo de la filosofía en el Río de la Plata. 1536-1810*, Buenos Aires, Ed. Guillermo Kraft Limitada, 1952.
- Guillermo Furlong SJ, *Naturalistas argentinos durante la dominación hispánica*, Buenos Aires, Ed. Huarpes, 1948.
- Guillermo Furlong SJ, *Tomás Falkner y su "Acerca de los Patagones" (1788)*, Buenos Aires, Librería del Plata, 1954.
- Héctor Sainz Ollero et al., *José Sánchez Labrador y los naturistas jesuitas del Río de la Plata. La aportación de los misioneros jesuitas del siglo XVIII a los estudios medioambientales en el Virreinato del Río de la Plata, a través de la obra de José Sánchez Labrador*, Madrid, Ministerio de Obras Públicas y Urbanismo, 1999.
- Hugo Storni SJ et al., *Diccionario Histórico de la Compañía de Jesús. Biográfico-Temático*, de Charles E. O'Neill e Joaquín Ma. Domínguez, vol. 2, Madrid, Universidad Pontificia Comillas, 2001.
- Hugo Storni SJ, *Catálogo de los jesuitas de la Provincia del Paraguay (Cuenca del Plata) 1585-1768*, Roma, Institutum Historicum S.I., 1980.
- Inmaculada Fernández Arrilaga, *El destierro de los jesuitas castellanos (1767-1815)*, Salamanca, Junta de Castilla y León, 2004.
- Joaquín Millás SI, *Dell'unico principio svegliatore della ragione, del gusto e della virtù nell'edacazion letteraria*, 3 vols., Mântua, Tip. Giuseppe Braglia, 1786-1788.
- Joaquín Millás SI, *Introductio ad Metaphysicis Disciplinas, Prolegomenon Duplex de Contemplatione et Historia Philosophia Complectens, et Logices Totius Analysim asque Accommodationem Precipuis Rationis et Auctoritatis in Veritatis Investigatione*, s.l., s.n., 1798.
- Joaquín Millás SI, *Propositiones Praecipuae Logices, Argumenta Complectens, Desumptae ex Tractationibus Metaphysicis, quas in Regia Placentina Academia Anno 1797 Explicavit Sacerdos Hispanus Joachim Millas, Disciplinarum Metaphysicarum Professor*, Placência, Joseph Tedeschi, 1797.
- Joaquín Millás SI, *Psychologiae Institutiones*, Placência, s.n., 1797.
- Joaquín Millás SI, *Saggio sopra i tre generi di poesia in cui Virgilio si acquistò il titolo di principe: con un confronto dei greci e degli italiani poeti che abbraccerà le relazioni della poesia con le belle arti: che darà al pubblico il signor Lorenzo Tamarozzi sotto la direzione del sig. ab. Giovacchino Millas*, Mântua, Tip. Giuseppe Braglia, 1785.
- Joaquín Millás SI, *Sopra el disegno e lo stile del sermon poetico italiano. Dissertazione dell' Abate Giovachino Millas di Saragozza al Cav. Clementino Vannetti in occasione d'un suo sermone*, Verona, s.n., 1790.
- José Cardiel, *Breve Relación de las misiones del Paraguay*, Prólogo de Ernesto J. A. Maeder, Buenos Aires, ediciones Theoria, 1994.
- José Eugenio de Uriarte e Mariano Lecina, *Biblioteca de escritores de la C. de J. pertenecientes a la antigua asistencia de España desde sus orígenes hasta el año 1773*, 2 vols., Madrid, Imprenta Gráfica Universal, 1925-1935.

- José Eugenio de Uriarte, *Catálogo razonado de obras anónimas y seudónimas de autores de la C. de J. pertenecientes a la antigua asistencia española*, t. I-V, Madrid, Tip. Sucesores de Rivadeneyra, 1904-1916.
- José Manuel Peramás SI, *Adveniente Faventiam Illustrissimo ac Reverendissimo Episcopo DD. Dominico e Marchionibus Manciforte ad Urbis Praesides SS. Sabinum et Petrum Damiani*, Faenza, Ludovici Genestri, 1787.
- José Manuel Peramás SI, *De Invento Novo Orbe Inductoque illuc Christi Sacrificio Libri tres*, Faenza, Josephi Antonii Archii, 1777.
- José Manuel Peramás SI, *De Vita et Moribus Tredecim Virorum Paraguaycorum*, Faenza, Archii, 1793.
- José Manuel Peramás SI, *Vida y obra de seis humanistas*, Buenos Aires, Ed. Huarpes, 1946 [1791].
- José María Mariluz Urquijo, *Compendio de la Historia del Paraguay*, de José Cardiel, nota introdutória, Buenos Aires, Fundación para la Educación, la Ciencia y la Cultura, 1984.
- José Quiroga, *Tratado de el arte verdadero de navegar Pro Circulo paralelo Equinoccial que para utilidad de la marina española da a luz pública D. Manuel Mendez y Quiroga con dos figuras matemáticas y un tratadillo al fin sobre la aguja de Marear*, Bolonha, Tip. São Tomás de Aquino, 1784.
- José Sánchez Labrador, *El Paraguay Católico. Homenaje de la Universidad Nacional de la Plata al XVII Congreso Internacional de los Americanistas en su reunión de Buenos Aires en mayo 16 a 21 de 1910*, Buenos Aires, Imprenta de Coni Hermanos, 1910.
- José Sanz, *Brevi notizie sopra l'acqua benedetta raccolte da un pio sacerdote a vantaggio de' fedeli date in luce in occasione del pubblico solenne battesimo conferito dall' illustrissimo... Vitale Giuseppe De' Buoi vescovo di Faenza... il dì 15 agosto dell'anno 1774 all'ebreo Moise' Leon Fuligno che nell'età d'anni 19 ha pel divina misericordia abbracciata la fede cattolica coi nomi di Giorgio Antonio Maria Abbondanzi*, Faenza, Archi, 1774.
- José Sanz, *Dammatio et Prohibitio Libri Germanico Idiomate Editi cui Titulus Was ist der Pabst Graece autem*, Roma, Typographia Reverendae Camerae Apostolicae, 1786.
- José Sanz, *Dissertazione critico - parenetica intorno al ministero delle messe private in due parti*, Ferrara, Giuseppe Rinaldi, 1787.
- José Sanz, *Elpidii de Proxima Bacchanalium Abolitione Sermo cum Appendice, seu Parte Altera*, Veneza, s.n., 1776.
- José Sanz, *Il leggere facilitato, o sia metodo pratico per insegnare e imparare a leggere con poco fastidio, ed in breve tempo*, Faenza, Giuseppe Archi, 1784.
- José Sanz, *Qui Fidei Hostes? [Tines oi tes pisteos polemioi] quali a Nemici della Fede? Philosophico-Theologica Velitatio*, Faenza, Josephi Antonii Archii, 1792.
- Juan Francisco Aznar, *Instruzione utile alla Gioventu per degolare se stessa nella vita civile, é morale cristiana. Data alla Luce del S. Abbate Francisco Aznar*, Ferrara, Eredi di Giuseppe Rinaldi, 1786.
- Juan Francisco Aznar, *Lettera pastorale dell' illmo, e revmo. mons. Dn. Francisco Valerio e Lossa, arcivescovo de Toledo, nella quale manifesta a tutti suoi sudditi e motivi, che vi sono di temere, che l'ignoranza delle verità cristiane sia caggione di quello si crede etc. Tradotta dall' idioma spagnuolo del sacerdote Dn. Francisco Aznar*, Ferrara, Francesco Pomatelli, 1791.

- Juan Francisco Ortiz de Ocampo, *Novena a la virgen Maria de Monserrate, en agradecido recuerdo de sus Maravillosos portentos, la qual se venera en su capilla publica de la casa Magarola, calle de la Puerta Ferrisa*, Barcelona, Mateo Barceló, 1799.
- Julián Nieto, *Opusculum de Pietate ac Religione in Sacro Peragendo Necessariis ac de Tempore quod Illi Impedi Debet Auctore Juliano Nieto Presbitero Hispano*, Faenza, Benedictis (Tip. Archii), 1776.
- Manuel Gervasio Gil, *Disquisitio in Causam Physicam Recentium Chemicorum pro Elasticitate Aeris Atmosphaerici, et Aliorum Fluidorum Elasticorum, quae Gas Nuncupantur: Cum Appendice de Causa Fluiditatis*, Placència, Josephus Tedeschi, 1799.
- Manuel Gervasio Gil, *Dissertatio de Viribus Repulsivis in Natura Existentibus. Propugnabitur cum Subjectis Thesis a Binis, quos Sors Tulerit, et Tribus Lectissimis et Studiosissimis Adolescentibus, Carolo Anguissola, Josepho Belloti, Dominico Lusardi*, Placència, Josephus Tedeschi, 1798.
- Manuel Gervasio Gil, *Theoria Boscovichiana Vindicata et Defensa ab Impugnationibus, quibus Impetitur in Dissertatione Quadam. De Singulari Systemate, aut Hypothesi. P. Boscho-vich circa Legem Continuitatis, et Contractum Corporum, ab Aliorum quoque Difficultatibus in eadem Oppositis hac Occasione Expeditur. Auctore Sacerdote Hispano, Fulginia*, apud Joannem Tomassini, s.l., Impress. Espiscop, 1791.
- Marcelino Menéndez y Pelayo, *Historia de las ideas estéticas en España*, vol. I, Madrid, CSIC, 1993.
- María Laura Salinas e Fátima V Valenzuela, “Los mocobies del Chaco según la mirada del P. Manuel Canelas SJ”, *IHS. Antiguos jesuitas en Iberoamérica*, vol. 3, n. 2, 2015, p. 169-190.
- Martín Dobrizhoffer, “Advertencia editorial del Profesor Ernesto J. A. Maeder, Noticia biográfica y bibliográfica del Padre Martín Dobrizhoffer, por el Académico R. P. Guillermo Furlong S. J. Resistencia”, *Historia de los Abipones*, vol. 1, trad. Edmundo Wernicke, Chaco, Universidad Nacional del Nordeste Facultad de Humanidades Departamento de Historia, 1967-1969.
- Martín Dobrizhoffer, *An Account of the Abipones, an Equestrian People of Paraguay. From the Latin of Martin Dobrizhoffer, Eighteen Years a Missionary in that Country. In Three Volumes*, vol. 3, Londres, John Murray, Albemarle street, 1822.
- Martín Dobrizhoffer, *Historia de Abiponibus Equestri, Bellicosaque Paraquariae natione Locupletata Copiosis Barbararum Gentium, Urbium, Fluminum, Ferarum, Amphibiorum, Insectorum, Serpentium Praecipuorum, Piscium, Avium, Arborum, Plantarum, Aliarumque Eiusdem Provinciae, Proprietatum Observationibus*, Viena, Typis Josephi Nob. De Kurzbek, 1784.
- Miguel Batllori, SI, *La cultura hispano-italiana de los jesuitas expulsos, españoles, hispano-americanos, filipinos, 1767-1814*, Madrid, Ed. Gredos, 1966.
- Narciso Binayan Carmona, Los primeros croatas en la Argentina, *Studia Croatica*, Buenos Aires, a. 12, n. 40-41, 1971.
- Niccolò Guasti, “Rasgos del exilio italiano de los jesuitas españoles”, *Hispania Sacra*, vol. 61, n. 123, Madrid, jan.-jun. 2009, p. 257-278.
- Nicolás Laguna, *Istruzioni morali per uso principalmente de Cavalieri Cristiani proposte dall' Ab. D. Niccolò de Laguna*, Roma, Tip. Vescovi a SS. Apostol., 1789.
- Nicolás Laguna, *Lettera di San Ignacio di Loyola a Claudio imperatore dell' Etiopia, e re degli Abissini, nella quale si difende il Primato, e la Suprema Autorità del Romano Pontefice, e*

- l'unità della Chiesa, tradotta dal latino, ed illustrata con note dall' abate Niccolò de Laguna. Con una notizia preliminare in torno all'Etiopia, ed ad alcune particolarità della stessa lettera*, Roma, Stamperia Pagliarini, 1790.
- Nicolás Laguna, *Regole di buona pronunzia e ortografia latina ed italiana delle declinazioni de' nomi greco-latini con una breve istruzione da scrivere lettere, per uso dei signori marchesi Girolamo e Pompeo Muti Papazzurri, patrizi romani, proposte dal loro maestro l'abate D. Nicolò Laguna*, Roma, Luigi Perego Salvioni, 1788.
- Pablo Hernández SJ, *Colección de libros y documentos referentes á la historia de América. Tomo VII. El extrañamiento de los jesuitas del Río de la Plata y de las misiones del Paraguay*, Madrid, Librería General de Victoriano Suárez, 1908.
- Pablo Pastells SJ e Francisco Mateos SJ, *Historia de la Compañía de Jesús de la Provincia del Paraguay, segunda parte, 1760-1768*, t. VIII, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1949.
- Pedro Grénon S.J., *Los Funes y el P. Juárez*, Córdoba, Tip. La Guttenberg, 1920.
- Ramón de Santa María, “El naturalista Termeyer (noticias biográficas)”, in *Lineo en España. Homenaje á Linneo en su segundo centenario (1707-1907)*, Saragoça, Sociedad Aragonesa de Ciencias Naturales, 1907.
- Ramón María de Termeyer, *Opusculi scientifici d'entomologia di fssica e d'agricoltura dell'abate D. Raimondo Maria de-Termeyer, gaditano socio della Gia'Reale Societé Agraria di Torino*, Milão, Tip. Giornale Italico de Carlo Nova, 1807.
- Silvana M. Lovay e Carlos A. Page, “El regreso del P. Diego León de Villafañe, último jesuita de la antigua Provincia del Paraguay”, in *IHS. Antiguos jesuitas en Iberoamérica*, vol. I, Córdoba, n. 2, 2013.
- Thomas Falkner, *A description of Patagonia and the Adjoining Parts of South America: containing an account of the Soil, Produce, Animals, Vales, Muntains, Rivers, Lakes, & of those countries. The religion, Government, Policy Customs, Drefs, Arms, and Language of te Indian Inhabitants; and some Particulars relating to Falkland's Island, Hereford*, publicado por Puch e vendido por T. Lewis, Russel-Street, Covent-Garden, Londres, 1774.
- Thomas Falkner, *Of the Patagonians. Formed from the relation of Father Falkener a Jesuit who had Resided among them Thirty Eight Years. And from the Different Voyagers who Had Met with this Tall Race*, Darlington, George Allan Esq., 1788.
- Vicente D. Serra, *Los jesuitas germanos en la conquista espiritual de hispano-américa, siglos XVII y XVIII*, Buenos Aires, Facultades de Filosofía y Teología de San Miguel e Institución Cultural Argentino-Germana, 1944.
- Walter Hanisch SJ, *Itinerario y pensamiento de los jesuitas expulsos de Chile (1767-1815)*, Santiago de Chile, Ed. Andrés Bello, 1971.
- William Robertson, *History of America*, 2 vols., Londres, A. Strahan, 1777.